



EDITORIAL

PRINCÍPIOS

Na passada sexta-feira, em conversa de rotina, alguém que se interessa pelos problemas locais e o tem demonstrado chamou a nossa atenção para aquilo a que chamou um pombal, erguido em quintal que deita para a rua 2, junto à rua 23.

Ficamos, então, a saber que a Câmara chegara a embargar a obra, construída sem licença, mas não reagira contra a sua conclusão, como não tem reagido contra muitas outras edificações levantadas nas mesmas condições em outros lugares, designadamente em Paramos e que os prevaricadores chegam ao ponto de exigir, depois, da Câmara, a ligação da luz e o estabelecimento de qualquer sistema de esgotos, em zonas onde nada se planificara e onde a Câmara não pode fazer milagres.

Temos muito respeito pelo sagrado direito de habitação. Entendemos que todas as pessoas têm a direito de viver em habitação decente e digna e louvamos todas as iniciativas tendentes a dar casa a cada um, quer elas venham do Estado, como se impõe, quer da colaboração solidária dos particulares.

Mas actuar em manifesta violação dos princípios legais e dos regulamentos, existentes precisamente para salvar interesses de toda a comunidade, é tudo quanto há de mais contra-revolucionário, é gastar hoje para desfazer amanhã, é erguer monstros em vez de casas.

Fomos ver a obra e ficamos decepcionados. É, na verdade, incompreensível que se mantenha uma gaiola naquelas condições e na situação em que se encontra.

Como sabem as pessoas mais ligadas a Espinho, a nossa terra voltou as costas ao mar, virando-se de frente para o caminho de ferro, forçada pelas circunstâncias.

Enquanto qualquer praia razoável tem voltadas ao mar as suas principais construções, Espinho, pelas investidas e destruições que o mar foi fazendo através dos anos, ficou na rua dois com restos de casas e de quintais.

Julgamos que vão iniciar-se dentro em pouco obras de demolição na parte mais central, que farão desaparecer o aspecto vergonhoso de alguns desses resíduos. E se, como é

(Conclui na pág. 2)

VISOR



"DE" na Checoslováquia RETALHOS DUMA VIAGEM (Conclusão)

Do nosso enviado-especial CARLOS SÁRRIA

Vamos prosseguir com a narrativa da viagem à Checoslováquia, dentro do estilo que adoptámos no número anterior e, agora, com a certeza, do bom acolhimento por parte dos nossos leitores, interessados, realmente, em conhecerem pormenores de tudo quanto se viu e do comportamento sócio-desportivo duma caravana de 28 espinhenses, em terras da estranja, segundo quanto temos ouvido, desde a chegada.

Um quarto de banho sem bidé e com papel higiénico muito rasca à vista do nosso.

Duas coisas para exportarmos?

O primeiro menú, um restaurante cheio. Fim de semana, com búlgaros, polacos húngaros e russos (com tendência para aparecerem em fila indiana, como meninos bem mandados!).

Para nós, peixe, com batatas e um molho à maneira deles (eslovacos). Sopa de legumes. Bife com ovo a cavalo, verduras e «pickles». Depois uma fatia de doce de chocolate, com «chantilly».

Não estranhámos. Só a sopa a meio é que nos matou. Comemos bem, à burgues. Os pratos já vêm feitos. Trazem o suficiente, mas é um desperdício, nem todos comem aquela medida. O pão (parecia a sêmea) era saboroso, mas esperavam-se «moletes». Por falar nisso, os búlgaros, russos, etc. as mesmas doses e, na pinga, com licença!

Cerveja «jubilejne» (Jubileu) de 12º e água mineral. Sabor à das «pedras» e cerveja suave. Esta custa 2,80 «Korunas» que a Esc. 1\$60 (câmbio «oficioso») dá 4\$50 (Garrafas de meio litro). O ordenado médio é de 2.200 «Korunas». Depois falaremos disso.

Peixe e carne saborosos. Perguntei ao Dr. Karol o nome do peixe. Não sabia. Mas, por graça disse-me que o tinham importado do nosso mar, de Espinho.

Dentro do hotel, uma temperatura de 20º graus! Tudo arregaçado e nós a estranharmos o demasiado quente. Gente de todas as idades a jantar. Trajes de toda a espécie, mas a maioria não veste com requinte. Veste! Simplesmente! Sobretudo os visitantes, do fim de semana, trajam como se tivessem ido aos «sal-dos» de anos atrás. Uma «boutique cigana», dava lá um jeitoço! Olaré!

O pessoal do hotel, que serve, e na recepção, é na maioria feminino. As moças que servem à mesa usam mini-saias atrevidas. E então para o espírito do portuguêsinho da costa... Nem queiram saber! Andava menino de órbita em bico.

No hotel, uma orquestra no Bratislava Clube. Pista de dança. Música agradável, muito ocidentalizada e conhecida. Animação geral, com novos e velhos a dar à perna, misturando pares. São burguesistas.

A juventude, sobretudo eslovaca, trazendo bastante dentro do padrão jovem ocidental. Elas também «abusam» da mini-saia e da pintura.

Parte da «caravana», com os dirigentes eslovacos, estiveram na bailação que durou até bem depois da meia-noite. Alguns dos nossos foram para a cama.

Dois casais (D. Henriqueta e Romeu Vitó, D. Ilda e Carlos Sárria) foram fazer um passeio higiénico pelas redondezas. Frio suportável, como em qualquer noite nossa. Céu limpo.

O hotel fica situado numa nova zona urbana. Aonde se constroem bairros para resolver o problema da habitação. Uma mini-cidade para albergar 60 mil pessoas. Bratislava cresceu, pós-guerra, de 140 mil para 300 mil almas. Grande «produção» do proletariado!

Ruas desertas, mas também estávamos a meia dúzia de quilómetros do centro. Casas sem estores. Via-se muita luz. Aqui os «frincheiros» na nossa terra, de binóculo, talvez apanhassem algumas «fitas», não aconselhadas a menores.

As 6 horas da manhã, é, praticamente dia. A cidade já bolee. Nós também. Toca a preparar para uma saída cedo. Ah! quarto de banho é aquecido, água quente e fria a correr sempre e uma curiosidade: o porta-toalhas do lavatório era austríaco. Também não se fazem lá todos os artigos necessários, ainda que corriqueiros.

Note-se que dormimos bem, todavia a temperatura nos quartos fez queixar toda a gente. E de bitola fixa e dema-

(Continua na página 6)

NESTE NÚMERO:

AS OBRAS DE DEFESA DA NOSSA PRAIA	Pág. 2
Vida Regional — ANTA	Pág. 4
«ENTRE ASPAS»	Pág. 9
PONTOS DE VISTA DUMA CARAVANA ESPINHENSE	Pág. 12
AO ACASO	Pág. 12

Um aspecto de Bratislava, com a sua bela e aerodinâmica ponte sobre o Danúbio, encimada por uma torre de 83 metros e no topo um café, do qual se avista formidável panorâmica sobre a cidade, onde se consumou a segunda parte duma excelente jornada sócio-desportiva, que não esquecerá aos espinhenses que a viveram. O desporto, como factor de união entre os povos!

EDITORIAL

(Continuação da 1.ª página)

de esperar, se encara a sério a defesa e reconstrução da nossa praia, é de pressagiar que toda a rua dois se encherá de novas construções, ajustadas às condições e importância da terra.

Nesse ou em qualquer outro local, a Câmara não pode consentir que se construa arbitrariamente.

E se em certos locais é compreensível o abrandamento das exigências para a legalização de que se não pode prescindir, o remédio em locais centrais é muito diferente. E a Câmara não o ignora

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Espinho, automeada numa reunião sem qualquer espécie de representatividade, sabe que, por isso mesmo, tem responsabilidades especiais e que lhe não assiste o direito de fechar os olhos a todas as tropelias que municípios menos responsáveis queiram cometer; tem a consciência de não poder atirar ao ar as batatas quentes que lhe apareçam para as deixar cair nas mãos de quem venha a suceder-lhe por virtude de eleição democrática, pela vontade do povo; e não tem o direito de recear as ondas que se formem à sua volta, em consequência do cumprimento da lei, que ela bem conhece e sabe ter de aplicar.

Se a Câmara de Espinho não espera que seja o mar a resolver o ponto quente que se criou, por que espera então?

Tenha a Câmara de Espinho presente em todos os momentos que se custa actuar contra um mamarracho erguido com manifesta violação de leis imperativas, muito mais difícil será reagir contra dez, cinquenta, cem edifícios que venham a ser levantados nessas condições, e que há outras Câmaras a sofrer grandes dores de cabeça por terem caído em situação análoga.

Se, ponderando todas as implicações, continuar com medo de cumprir o seu dever, só tem um caminho a seguir. Quem tem medo compra um cão.

AMADEU MORAIS

Espinho antigo

O MAR EM ESPINHO

A invasão do mar continua a acentuar-se gradualmente na praia e na povoação de Espinho, e ameaça levar mais longe a sua triste obra de destruição. A igreja parochial está de ha muito ameaçada de ruir, talvez definitivamente condenada já. Causa parecida sucede, segundo as informações que recebemos, com o edifício da Camara Municipal.

Da Ilustração Portuguesa de 6 de Abril de 1908.

Apontamentos do Alfarrabista Vareiro

SOCIEDADE ESPINHENSE DE CAFÉ, «S.A.R.L.»

Assembleia Geral Ordinária

CONVOCATÓRIA

Convidam-se os Exmos. Senhores Accionistas desta Sociedade a reunirem-se em Assembleia Geral Ordinária, no próximo dia 10 de Março, pelas 22 horas, no Café Cristal, Rua 62 n.º 43, desta cidade, com seguinte ordem de trabalhos:

1.º — Apreciar, aprovar ou modificar o Relatório, Balanço e Contas, relativo ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1975.

2.º — Eleger os novos Corpos Administrativos para o biénio de 1976/77.

3.º — Tratar de quaisquer assuntos de interesse para a Sociedade.

No caso da Assembleia não poder funcionar nesta 1.ª Convocatória por falta de número legal de Accionistas, fica desde já esta Assembleia convocada para funcionar em 2.ª Convocatória, no mesmo local e à mesma hora, com a mesma ordem de trabalhos, no dia 17 de Março próximo, a qual funcionará com qualquer número de Accionistas.

Espinho, 27 de Fevereiro de 1976

O Presidente da Assembleia Geral

Jerónimo Ferreira Reis
(Arquitecto)

Compra-se em Espinho

Casa em estado nova, independente, com 3 quartos; quarto de banho, sala comum, cozinha e garagem.
— Resposta ao Apartado N.º 96 —

As obras de defesa da nossa praia

Comunicação ao 1.º Congresso de Engenharia Civil, pelo Eng. Civil 1.ª Classe Francisco Perdigão em 1931

(CONTINUAÇÃO)

1.ª COMISSÃO — Foi nomeada por Decreto de 18 de Junho de 1892, constituindo-a os Engenheiros Conselheiro Silvério Augusto Pereira da Silva, Afonso Nogueira Soares, João Tomás da Costa, Joaquim Filipe Néri da Conceição Delgado, Joaquim Botelho de Lucena e José Maria de Melo e Matos. No seu relatório apresentado em 26 de Julho seguinte mostra-se embaraçada sobre qual das duas causas citadas por Melo e Matos há-de lançar a responsabilidade da acção destruidora do mar, e como este se tivesse nessa altura afastado para W cerca de uns 84 metros, a Comissão sugeriu que talvez se tivesse entrado num período de descanso e até possivelmente na terminação dos ataques do mar. O Conselho Superior de Obras Públicas e Minas concordou em seu parecer de 30 de Janeiro de 1893 e tornou a execução de qualquer trabalho nocturno dependente de estudos de sondagens, levantamentos hidrográficos, observações de marés, ventos e correntes marítimas.

Durante três anos o mar não fez novos ataques; mas no começo de 1896 voltou à sua tarefa, destruindo várias casas e atirando abaixo com a sacristia da igreja parochial (22 de Fevereiro). Sossegou até Outubro nos seus ataques que depois se continuaram por tal forma que em começos de 1898 havia a menos na povoação uma facha de terreno completamente coberta de edificações que tinha 65 metros de largura média na direcção nascente-poente e cerca de 800 metros de norte a sul.

Daqui resultou a nomeação da

2.ª COMISSÃO em 9 de Março de 1898 pelo ministro Augusto José da Cunha, composta pelos Engenheiros Conselheiro Adolfo Loureiro, José Joaquim de Matos e João Tomás da Costa, com o objectivo de «investigar as causas que tem determinado nos últimos anos a considerável corrosão da praia de Espinho, e indicar as obras de defesa que porventura possam obstar à continuação da acção destruidora das vagas». A esta comissão foram agregados, por portaria de 16 de Março, os Engenheiros Filipe Néri da Conceição Delgado e José Maria de Melo e Matos. No seu relatório diz não poder indicar as causas nem emitir um juízo seguro; não concorda com palissadas, nem com obras sobre estacadas, nem tão pouco pode aconselhar obra definitiva, por não ter elementos em que se basear; mas propõe, a título de experiência um prisma de enrocamentos ao longo da escharpa, com pedras de grandes dimensões, que deveria ter na crista 1,50 metros de espessura taludes a 45º, secção transversal de 10 metros quadrados, extensão 1.200 metros e custo cerca de 20 contos. Constatou a Comissão que os ataques mais importantes haviam coincido com as épocas de grandes marés e ventos do 3.º quadrante.

Em virtude das dificuldades expostas pela Comissão nada se fez, apesar da obra dos enrocamentos ter sido aprovada pelo Conselho Superior de Obras Públicas em sua consulta de 28 de Junho de 1898 e pelo Governo; e o mar foi continuando a demolir o casario, de madeira na maior parte, entre os clamores inúteis dos pescadores já resignados à fatalidade da sua sorte, até que em portaria de 23 de Março de 1908 surgiu a

3.ª COMISSÃO — Fizeram parte dela os Engenheiros Néri Delgado, Adolfo Loureiro e Tomás da Costa, da Comissão de 89 e ainda os Engenheiros Paulo de Barros, João Henrique von Hafe e A. de Proença Vieira. Nos dez anos decorridos, o mar tinha destruído uma facha de 60 a 70 metros de largura em todo o comprimento da povoação (800 metros) e desaparecera quase completamente além da igreja o labirinto de casaria, quase toda de madeira, que medeia entre o mar e as edificações de alvenaria que ainda hoje existem na maior parte. A linha do praia-mar distava apenas 160 metros da origem que temos tomado para termo de comparação.

A Comissão no seu parecer de 2 de Abril de 1909 constatou que nenhuns estudos se tinham feito dos aconselhados pelas Comissões de 92 e 98. Insistiu na construção do prisma de enrocamentos sugerido pela Comissão anterior o qual agora era orçado em mais de 7 contos e devia começar no rio do Mocho, prolongando-se até às últimas casas ao sul. Foi sugerido o emprego de redentes ou esporões de pedra salientes sobre a linha da praia; não os aconselhando desde logo por julgar necessário conhecer antes qual devesse ser a sua orientação, extensão e afastamento que variam com a direcção e intensidade dos ventos e correntes marítimas e com a direcção de propagação das ondas.

A Comissão julgou «em risco eminente de serem destruídas pelo mar todas as construções situadas na facha de terreno em que a superfície da rocha rija é inferior ao nível da mesma praia-mar»; e, por isso recomenda que se façam sondagens não só na escharpa à beira-mar, mas perpendicularmente a ela no interior da povoação; pois julga o conhecimento deste ponto importante para quando se organizar o projecto das obras definitivas.

Sabemos que não havia unanimidade de vistas na Comissão, e que por isso não vingou a ideia dos «esporões» ou «redentes» em saliência sobre a praia, da iniciativa do ilustre e saudoso engenheiro von Hafe.

Não faltavam porém os exemplos do resultado de obras desta espécie na costa portuguesa pois que toda a parte onde se tem construído molhes normalmente à costa — Aveiro, Felgueiras (na Foz do Douro), Leixões, Póvoa de Varzim, Espinosa, Viana do Castelo (Cabedelo) — se tem verificado imediatamente um avanço e engrossamento das praias contiguas. As costas da Holanda desde o Hoeck von Holland à ponta de Helder (120 quilómetros) são defendidas por esse sistema. O mesmo sucede em Newport, Ostende, Zeebrugge, que são, como aquelas, costas de areia. E o sistema é igualmente aplicado com sucesso nas costas de falaise tais como Eastbourne, Brighton, no Sul de Inglaterra, no canal de São George, etc.

(CONTINUA)

D. Maria Antónia do Couto Soares

Seus pais, irmãs, cunhados e demais família vêm agradecer a todas as pessoas que os acompanharam neste doloroso transe bem como às que assistiram à missa do 7.º Dia.

António de Sousa Couto
Joaquina Pinto Soares
Ermelinda do Couto Soares Miranda Valente
Dr. António José Miranda Valente
Rosa do Couto Soares e Silva
António de Almeida e Silva
Maria Angela de Oliveira Pinto Soares
Deolinda Maria do Couto Soares Espírito Santo
Cap. António Maria do Espírito Santo.

Espinho, 4 de Março de 1976.



DEFESA DE ESPINHO

SEMANARIO

FUNDADOR
BENJAMIM COSTA DIAS

PROPRIEDADE

EMPES — EMPRESA DE
PUBLICIDADE DE ESPINHO, LDA.

Redacção e Administração
RUA 19 — N.º 62
TELEFONE, 921525
AVENÇADO

Composição e Impressão
OFICINAS GRAFICAS DA
CASA NUN'ALVARES
PORTO

ASSIM VAI A CIDADE

AS «GRAÇAS» DA «MOBIL»

Todos os espinhenses automobilistas, e quase todos os automobilistas que passam na curva da avenida 24 para a 62, e vice-versa, se dão conta das dificuldades de trânsito, particularmente geradas pelas bombas de abastecimento da Mobil existentes no referido entroncamento rodoviário.

Com a abertura da segunda faixa de rodagem da Avenida 24 e com a implantação de semáforos, que também aí se vai fazer, está-se perante um autêntico caso de trânsito, de péssimas consequências a vários níveis.

Procuramos saber em que termos se encontra a necessária mudança das bombas, pois outra coisa não pode acontecer. O concessionário da exploração é que não pode ficar privado do direito que tem, eliminando-lhe a concessão.

Poi soubemos, de fonte autorizada, que a companhia Mobil mandou aí um funcionário com o recado de que «a companhia está com um prejuízo de 500 contos por mês e não pode estar com essas despesas».

Vejam lá se não é de ter pena dos pobrezinhos. Quem havia de dizer que os carburantes dão tanto prejuízo?

Em contrapartida a SONAP está a construir um posto de abastecimento na Avenida 24 para segurança do trânsito, como se impõe.

E o prejuízo, do concessionário que se vai sentir da dificuldade em estacionar, dos engarrafamentos de tráfego e consequentes perdas de tempo, da exaltação dos atingidos não são prejuízos?

Senhores da multinacional MOBIL: Não brinquem com coisas sérias e desfalquem lá o amealhamento que usufruam durante os tempos áureos. Mas com pouca demora, se fazem favor!

PELA P. S. P.

Na noite de 22/23, de Fevereiro, indivíduo ou indivíduos não identificados, depois de terem partido um vidro exterior do Restaurante «CABANA», furtaram do mesmo algumas garrafas de várias bebidas que se encontravam nas prateleiras.

No dia 23 do mês passado, apresentou queixa nesta Polícia o sr. Manuel Pedro, residente nesta cidade, contra desconhecidos por durante a noite de 22/23, lhe terem assaltado o seu estabelecimento, sito na Rua 14, donde furtaram a importância de 1200\$00, aproximadamente, bem como queijo, tabaco, bolachas, presunto e rebuçados.

RECENSEAMENTO ELEITORAL

Do dia 4 ao dia 10 do corrente estarão patentes as cópias dos cadernos eleitorais de forma a que os eleitores confirmem o seu recenseamento. No caso de qualquer irregularidade podem os eleitores recorrer para a Comissão de Recenseamento até ao dia 12 próximo.

MOVIMENTO HOSPITALAR DE 23.2.76 a 1.3.76

Internamentos Gerais	54
Exames Radiográficos	181
Crianças Nascidas	27
Intervenções Cirúrgicas	
Ortopedia	5
Cirurgia Geral	7
Otorrino	15
Urologia	6
Serviço de Urgência	
Homens	348
Mulheres	335

Internados entre outros:

Bernardina Santos Serra Nunes
Rosa Silva Dias

MOVIMENTO DO PATRONATO DE 23.2.76 a 1.3.76

Movimento do Patronato de Espinho	
Infantário (de 1 mês aos 2 anos)	12
Jardim Infância (dos 2 aos 6 anos)	325
Tempos livres (dos 7 aos 12 anos)	90
Total de Crianças	
Sopas	427
Refeições Completas	360
	85

ACTIVIDADES

Desenho, Picotagem Colagem, Ginástica, Iniciação de Escrita.

O Patronato agradece a vossa visita.

Também na noite de 22/23, desconhecidos, por meio de arrombamento introduziram-se na oficina de reparações de bicicletas, sita na Rua 16, pertencente a Augusto Teixeira, residente cá, desconhecendo-se o que teriam furtado por falta de dados do proprietário.

Na noite de 24/25, foi detido por um agente desta Secção Policial, Manuel António Correia da Silva, solteiro, picheleiro (desempregado), de 17 anos de idade, residente na Ponte de Anta, o qual era portador de bastões (garrotes), por ele construídos, consideradas armas brancas proibidas por lei, não justificando o mesmo a sua posse.

O detido fazia-se acompanhar de mais dois menores que foram entregues a família. O referido detido ainda no passado mês de Outubro, respondeu no Tribunal da Comarca de Espinho, pelo crime de furto, pois ele e mais dois, depois de terem metido uma caixa de papelão na cabeça de um indivíduo do sexo masculino, furtaram-lhe a carteira com algum dinheiro, isto no referido lugar da Ponte de Anta. O detido foi entregue ao Tribunal desta Comarca, acompanhado do respectivo processo.

NASCIMENTOS

Em Espinho:

António Fernando, filho de António Joaquim Loureiro e de Palmira Ferreira da Costa Lourenço.

Paulo Sérgio, filho de António da Silva Pereira e de Maria Fernanda da Silva Rodrigues Pereira.

Alcindo Manuel, filho de Alcindo Pinto Tavares de Lima e de Rosa da Purificação Lopes Pinto.

Hugo Alberto, filho de Armando Alberto Moreira de Oliveira Cadete e de Fernanda dos Santos Dias Cadete.

CASAMENTOS

Em Espinho:

Artur de Sousa Pereira com Edite Maria Correia da Silva;

Em Gaia:

Pedro Manuel Baptista de Oliveira, com Maria Gracinda Rodrigues de Sousa.

FALECIMENTOS

Em Espinho:

Francisco Gomes Remelgado, de 34 anos, casado com Palmira Alves dos Santos.

Em Silvalde:

Maria Alves Rodrigues, de 78 anos, viúva de António Pinto Loureiro.

Idalina Ferreira Campos, de 80 anos, viúva de José Gonçalves Padeiro.

Francelina Pereira Bernardes, de 75 anos, casada com Albertino Gomes Dias.

Em Espinho:

Maria Antónia do Couto Soares, de 48 anos, solteira.

D. Maria Soares Marques Coelho, mãe de D. Maria Adelina de Carvalho Guimarães.

No dia 29/2/76, pelas 9,10 horas, ocorreu um acidente de viação no cruzamento formado pelas Ruas 24 e 23, nesta cidade, entre os veículos 1-ESP-85-50 e FA-38-32, conduzidos respectivamente por Sílvio dos Santos Marinhão, casado, marromista, de 25 anos de idade, residente na Praia de Paramos-Paramos-Espinho e Joaquim Batista Pereira, empregado de balcão, casado, residente na cidade do Porto. Registaram-se danos nos veículos e fractura da perna direita do primeiro condutor que ficou internado no Hospital de Santo António, no Porto.

Em, 1/3/1976, foram presos Joaquim José de Oliveira Lopes e João de Jesus Ferreira, ambos residentes na Rua da Vilarinha, n.º 492, na cidade do Porto, por juntamente com um outro indivíduo não identificado que se pôs em fuga, se dedicarem na Feira Semanal ao furto de carteiras e outros objectos sendo em seguida entregues ao poder Judicial.

I.I.I. — INVESTIMENTOS INDUSTRIAIS E IMOBILIÁRIOS, S.A.R.L.

SILVALDE — ESPINHO

CONVOCATÓRIA

Convoco, nos termos do disposto no artigo 24.º dos estatutos, os Srs. Accionistas a reunirem-se em Assembleia Geral Ordinária no dia 26 de Março de 1976, pelas 21 horas, na sede social, no lugar de Santa Cruz, freguesia de Silvalde, concelho de Espinho, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º — Discutir, aprovar ou modificar o relatório e contas da administração e o parecer do conselho fiscal relativamente ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1975;

2.º — Tratar de qualquer outro assunto de interesse para a Sociedade.

Silvalde-Espinho, 23 de Fevereiro de 1976

O Presidente de Assembleia Geral

Amadeu Alves Morais

LICEU NACIONAL DE ESPINHO

Os alunos que se destinem aos cursos nocturnos *geral e complementar* devem dirigir-se, urgentemente, à secretaria do Liceu.

Ferreira de Campos Dulce de Oliveira Campos

Advogados

Rua 11 n.º 877 — Telef., 922210
ESPINHO

Papelaria Atlântico Norte, L.ª

Av. 24 n.º 1013 — Telef. 922776
ESPINHO

(em frente da Feira)

Agente da «Texas Instruments»
Material de Escritório
Livros Escolares

CALISTA

Consultas em Espinho

9 às 13 horas — 14.30 às 19 horas

Telefone, 923178

Rua 25 n.º 48 — Todos os dias

Fernando Guimarães

ADVOGADO

Escritórios: R. 19, 927 — Tel. 922165
ESPINHO

Pr. Carlos Alberto, 60 - Telef. 380516
PORTO

Residência:
Rua 33, 1605 - Telef. 922432
ESPINHO

Auto Internacional

Peças e Acessórios para automóveis

Avenida 24 N.º 1001 — Telef. 923028

ESPINHO

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO C

Sexta-feira — HIGIENE, Rua 19 n.º 393 — Telef., 920320.

Sábado — GRANDE FARMÁCIA, Rua 62 n.º 457 — Telef., 920092.

Domingo — TEIXEIRA, Rua 19 n.º 46 — Telef., 920352.

Segunda-feira — SANTOS, Rua 19 n.º 263 — Telef., 920031.

Terça-feira — PAIVA, Rua 19 n.º 319 — Telef., 920250.

Quarta-feira — HIGIENE, Rua 19 n.º 393 — Telef., 920320.

Quinta-feira — GRANDE FARMÁCIA, Rua 62 n.º 457 — Telef., 920092.

CINEMAS

S. PEDRO

Sessões diárias às 15,30 e 21,30 horas

Hoje, Sexta-feira, dia 5 — LISBOA ACORDOU (revista) duas sessões às 20 e 45 e 23 horas; Não aconselhável a menores de 18 anos;

Amanhã, Sábado, dia 6 — REVOLVER, com Oliver Red e Paula Pitagora — Não aconselhável a menores de 18 anos;

Domingo, dia 7 — UM CÉREBRO POR UM BILHÃO — com Michael Caine e Françoise Dorleac — Não aconselhável a menores de 13 anos;

Terça-feira, dia 9 — A PRIMEIRA NOITE, com Dustin Hoffman e Anne Bancroft — Para maiores de 18 anos;

Quinta-feira, dia 11 — COM JEITO VAI... DE BACAMARTE À SOLTA!, com Sidney James e Kenneth Williams — Não aconselhável a menores de 13 anos.

CASINO

Hoje, sexta-feira, dia 5 — PAUL E MICHELE, com Anicee Alvina e Sean Bury — Para maiores de 13 anos;

Amanhã, sábado, dia 6; Domingo, dia 7 e Segunda, dia 8 — PAUL E MICHELE;

Quarta-feira, dia 10 — A RAPARIGA DA MOTOCICLETA, com Alain Delon e Marianne Faithfull — Para maiores de 18 anos;

Quinta-feira, dia 11 — OS MALUCOS VÃO A GUERRA, com Les Charlots — Para maiores de 6 anos.

VIDA REGIONAL • ANTA • VIDA REGIONAL

O DESPORTO

1. FUTEBOL

No passado dia 17 do mês de Fevereiro, alarguei a minha curiosidade até ao desporto. E vai daí, acompanhei o Delegado do Conselho Desportivo da Freguesia a uma reunião na Câmara Municipal de Espinho, com a Delegação da Direcção Geral de Desportos de Aveiro.

Da sua agenda de trabalhos constava o lançamento do Plano Nacional de Futebol Juvenil, a ser trabalhado pelos núcleos, já em funcionamento, existentes nos diversos lugares da nossa Freguesia.

Este chamamento destina-se aos jovens com idades compreendidas entre os 9 e 12 anos.

Para tal dispõe a Delegação de Aveiro, de alguns meios materiais e monetários para auxílio imediato, os quais serão atribuídos consoante o seu, maior ou menor, grau de necessidade.

O Delegado da nossa Freguesia estará inteirado, para elucidar, para esclarecer, para acompanhar os núcleos que arranquem com o plano.

Foram tecidas considerações de muito interesse à roda do dito plano, algumas de real valia, outras de moderado interesse.

umas e outras, as considerações, preencheram um pequeno serão, que de proveitoso tiveram, mais que curiosa atenção, a educação desportiva, tão nossa madrastra.

2. CICLISMO

No mesmo teor foi lançado o Plano Nacional de Ciclismo Juvenil aproveitando as ramificações criadas pelo Futebol.

Do mesmo modo foram dadas orientações para o efeito. Do mesmo modo se pretende dar à criança um lugar de destaque. Do mesmo modo se afirmou que o nosso desporto não tem iniciação. Conheçamos os ases e não atentamos nos juvenis. Principiamos de alguma coisa e não vemos esse início. Não há provas desportivas para animar as massas à nascença. Tal como no futebol, foi frisado, as crianças não têm onde, como, ou quando praticar desporto. Temos que criar esse espaço, essa fonte, essa pujança, essa alegria, na criança. Ela nos olhará, amanhã, com agrado. Assim é.

E tal como no futebol o arranque terá os seus pontos de apoio a solicitar ao respectivo Delegado.

3. VARIAÇÕES

Estes dois apelos, lançados a partir de estudos, de esquemas, de verbas a distribuir, de autênticos sacrifícios, vêm na verdade apontar o caminho a seguir. As ideias são atiradas, oferecidas, postas em evidências, açucaradas, para serem postas em movimento.

O movimento implica logradouros para a sua prática. Onde temos terrenos para poder germinar a flora desportiva? A resposta virá daqueles que transformarem a ideia, o plano, o projecto, a vontade, em realidade. A semente está lançada. Está criada a competição. Há uma fatia de canseiras para cada um. Há um às em cada casa. Um pedal a consertar. Há uma bola a substituir. Há umas meias a remendar. Há uns calções a dar a ferro. O movimento cria-se. A circulação sanguínea acelera-se em primeira-segunda-terceira-quarta. Há uma festa em cada alma. A saúde entra nos nossos corpos. Os músculos enrijecem. A vontade, o querer, a disciplina a educação verbal, o respeito pelo outro, o saber perder, tem de acompanhar pegajosamente cada competidor. Se assim não acontecer, vale mais irmos para um relvado, pastar não, mas agradecer a fresquidão que se ganha sentando-nos.

ERRO

PEDIDO DE ESCLARECIMENTO

ALDEIA NOVA

Por ter sido inserida no n.º 2289 de 20.2.76, deste semanário, uma entrevista titulada, ANIA — Reportagem e Entrevista, e por ter sido procurado por um elemento que compõe a Comissão para Rasgamento da Estrada e Construção da Ponte que ligará o lugar da Aldeia Nova a S. Paio de Oleiros, e porque senti a natural curiosidade de, no local, apreciar o efeito, procurei ir junto do maior número de componentes da dita Comissão.

Da conversa havida com os srs. Manuel Natário, Manuel Loureiro da Silva, António Bessa, José Pinheiro, Joaquim Silva Pinto e passageiramente com o sr. Avelino Alves de Pinho, ressaltou o seguinte:

1. Foi chamada de Comissão de Moradores a uma simples Comissão de 9 elementos destinada, **única e exclusivamente**, ao Rasgamento da Estrada e Construção da Ponte. Talvez por estar na moda lhe chamaram outra coisa. Repudiam a troca verificada.

2. Esclareceram que foram visitadas à roda de 100 pessoas que gozam, já, o benefício existente, havendo 7 que não deixaram resposta nem recado. Entretanto seria oportuno lembrar que estão muito a tempo de ressaltar o possível esquecimento, dado haver ainda muito a fazer. Quem passa por lá e conversa, logo sabe quem não contribuiu, ainda, para a obra. É meritória a obra, é de ajudar.

3. Aclarar o nome de dois componentes, que criaram dúvidas, devido a não terem os nomes completos. São eles: Manuel Loureiro da Silva e Avelino Alves de Pinho.

4. Destacar, como elementos preponderantes, os nomes dos srs. António Bessa e José Pinheiro. A estes se deve, diz o sr. Manuel Loureiro da Silva, a feitoria da ponte. Sem eles ainda não havia ponte, remata.

5. Fazer saber que a nossa Câmara prometeu, ao sr. Manuel Moreira Natário, contribuir com quantia igual à que angariassem, que seriam 50 contos, isto na pessoa do seu Engenheiro e do sr. Bartolo, e quando contactados, já com a Comissão formada, terem dito não haver verba.

6. Informar que as contas à data de 16.1.76 se encontram patentes nas Sedes das Juntas de Freguesia de Anta e S. Paio de Oleiros, e que se anotam: produto do peditório esc. 53.050\$00 — despesas com a obra esc. 51.635\$00 — saldo esc. 1.315\$. Saldo total neste momento esc. 2.415\$00.

7. Da nossa Câmara houve a oferta de toda a pedra aplicada, de um carro

para o transporte de alguma, a outra tiveram que pagar a quem a movimentasse, e da máquina para carregar toda a pedra para as camionetas. Na verdade é pouca, muito pouca, a ajuda prestada. Não está nada perdido. Há muito que fazer. É precisa muita pedra, muito saibro, são precisos braços, são precisas máquinas. O srs. Engenheiro e Bartolo teriam oportunidade de, com um pouco de boa vontade, dar uma arrancada mais, porque têm gente na Comissão para atacar, disseram.

8. Contrariar a opinião emitida sobre que há muita terra de «velho» que poderia servir para dar trabalho a retornados. Na verdade é pura utopia o que se afirmou. Existem algumas «leiras» abandonadas por não haver acessos, em especial, que não resolvem, pela sua dimensão, qualquer possibilidade de emprego.

9. Da nossa Junta houve o pagamento do rasgamento do troço de estrada, que rondaria uma trintena, calcularam os da Comissão.

Além disso, houve a adesão, quase imediata, à proposta da Comissão, como trabalho prioritário.

Podem que a Junta lhes transporte a terra que existe ao cimo da via, para perto da ponte, onde se necessita ainda de muito aterro. Seria de encargar muito a sério a conclusão deste troço de via, dado que, devido ao nível íngreme, possibilita o arrasto de terras para junto da ponte, assoreando todo o terreno marginal, quando hajam chuvas.

Neste momento a zona mais baixa está completamente cheia de aterro que necessita de ser alisado.

10. Renovam o pedido, por intermédio da DE, que muito agradecem, de que os homens da nossa Câmara, da nossa Junta, da nossa Construção Civil, se empenhem em enviar aterro, pedra, saibro, o que possa ser inútil para eles e útil para a segunda fase, que é a final.

11. Toda a mão de obra que operou no trabalho realizado, é completamente oferecida pelos componentes da Comissão, como aliás seria de esperar. Pediram, no entanto, para reforçar esta observação.

12. Querem agradecer publicamente a todos quantos contribuíram, quer aqueles que por obrigação o fizeram, quer aqueles que gostam de ajudar qualquer iniciativa meritória.

Esperam voltar a solicitar ajuda a quem vejam possibilidades para o fazer.

As entidades oficiais, como o que já foi feito tem sua história, solicitam ajuda para o restante trabalho.

Seria de pensar numa actuação conjunta com a Junta de S. Paio de Oleiros. O benefício é patente e urgente e necessário.

LAMENTÁVEL AUSÊNCIA DE CIVISMO E EDUCAÇÃO

Este é o título saído à estampa no mesmo n.º 2289 deste Semanário, de 20.2.76, e que, pelo seu conteúdo, foi razão bastante para eu ser procurado por um grupo de pessoas, as quais depositaram nas minhas mãos o documento que a seguir se transcreve:

«Assim o articulista da DE, referindo-se à sessão do dia 9.2.76, tentou pôr o ramo de louro numa porta e vender o vinho na outra.

Quem tem ausência de civismo e educação serão os que assistem, pacatamente, à sessão e são ofendidos com palavras provocadores dirigidos por arruaçeiros?

E interveio, como lhe competia, para pôr cobro a essas arruaças, feitas a senhoras?

Não o fez, e os ditos arruaçeiros, como estavam protegidos pela autoridade, não travaram as suas atitudes, que de honrosas só têm o nome.

O que lamentamos é que se acusa «sempre o mesmo grupo», e não se acusam os bisbórrias de quem se recebem as provocações...

O «sempre mesmo grupo» sabe, havendo provas, que haviam varapaus em determinada Sede, para os receber.

Seriam necessários palavrões, para se votar a ocupação do rés-do-chão da Residência Paroquial para um Infantário, pois disso se tratava?

E seria a causa, para tal arrazoado, o facto da maioria votar não? E seria de aceitar meter crianças num rés-do-chão, qual prisão, quando elas, pelo menos, têm o sol da sua JANELA OU DA SUA RUA? Porque se não vota a ocupação do 1.º andar de uma das nossas escolas, pois nos parece mais sadia a ideia?

No entanto, quaisquer destas hipóteses nos parece ridícula.

Julgar um determinado momento em determinadas condições, é fácil, quando concluímos a sós, quando atiramos ao papel as conclusões a que chegamos, temos de ver com imparcialidade, o que é muito difícil, e julgar, o que é transcendente, não lhe parece sr. articulista?»

A PARÓQUIA

1. A equipa da Catequese levou 2 efeito um programa de convívio destinado às crianças que durante o período de aprendizagem do «dicionário» religioso que o mesmo é dizer «aprender a doutrina», que culmina com a comunhão solene, frequentam o Salão, convivendo a inocência das suas vidas nascentes.

O programa teve o seguinte itinerário:

DIA 28.2.76 — às 17 horas Missa na Igreja.

DIA 29.2.76 — às 15,30 horas, Jogos infantis e cantares no largo do Souto, previamente ornamentado com balões e serpentinas, de acordo com o momento brinca-hão, Carnaval.

Depois destes jogos e cantares foram exibidos 4 filmes de cinema mudo e uma peça de teatro interpretada pelas catequistas e crianças.

DIA 2.3.76 — às 16 horas, 1 filme cómico para as crianças da catequese e seus amigos e familiares.

2. No Salão Paroquial estão marcadas para exibição os filmes seguintes:

DIA 29.2.76 — às 21,30 horas, JOANA D'ARC, com Ingrid Bergman e José Ferrer.

DIA 6 e 7.3.76 — às 21,30, ROSA DO ADRO com Maria Lalande e Oliveira Martins.

ERRO



Júlio Gandara da Silva Pardilhó

MISSA DO 1.º ANIVERSÁRIO

Realiza-se no próximo dia 6 de Março, na Igreja Matriz, a Missa do 1.º Aniversário do falecimento do querido extinto.

A família agradece desde já a todas as pessoas que se dignem comparecer ao piedoso acto.

Fotografias tipo passe em
10 segundos
GENTRO FOTOGRÁFICO
de Alvaro Nunes de Pinho

Tudo para Fotografia e Cinema — Retratos e relojoaria —
Rua 8 N.º 645 ESPINHO

ARMAZÉM DE LANIFICIOS

ALIFEX

Ferreira & Oliveira, L.da
ESPINHO

RUA 16 N.º 975 — APARTADO 144 — TELEFONE, 921569

Electrogás Estrêla de Espinho, Lda. GAZCIDLA

Único distribuidor no Concelho de Espinho
Aparelhagem electrodoméstica — Rádio e TV — Estofos e Mobílias
Agente Oficial AEG e TELEFUNKEN

Rua 23 N.º 252 — Telefone 920806 — ESPINHO

FOTO DIN

Ex-Fotografia Pinho

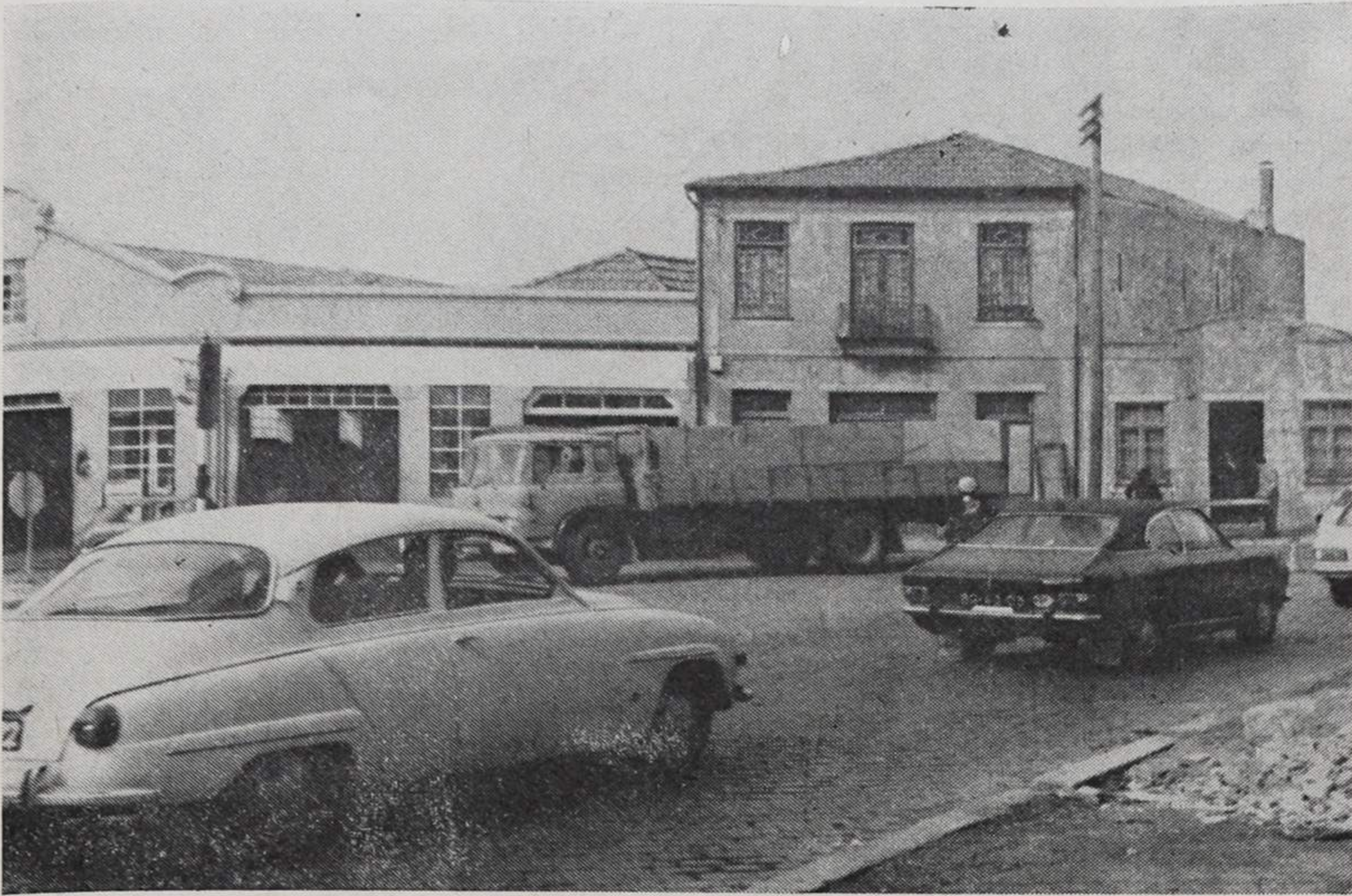
FAUSTO & LEONEL, LDA.

Reportagens — Estúdio — Fotografia Industrial
Rua 19 n.º 198-2.º — Telef. 922267 — Apartado 124 — ESPINHO

Retalhos de uma viagem

«DE» na Checoslováquia

(Continuação da página 6)



Uma das ruas do centro comercial de Bratislava, em pleno sábado de manhã. Outro contexto sócio-político, consequentemente outra espécie de sociedade de consumo e, daí, pleno centro de comércio com aspectos diferentes, apesar de ser um dia, sem trabalho, e lá, como cá, consignado às compras

só de «stick» e uma bola, a substituir o disco.

No sector comercial, vimos electrodomésticos, mas caros, pois um frigorífico estava marcado por 8.400 «korunas» e um esquentador a gás bastante mais. Estivemos em lojas onde só se compra com moeda estrangeira, pois são artigos importados e aí os preços não parecem desequilibrados, encontrado-se artigos que não existem noutros estabelecimentos.

Ah! Como não há clínica privada, os médicos são chamados a casa, quando necessário, não se lhes paga e, ou encareiram, o doente para o hospital, se for caso disso, ou receitam, receita esta que é atendida, depois, pelo preço simbólico de 1 «koruna».

O almoço foi também, bem servido, reparando nós que a água mineral (0,7 litro) custava 0,70 «korunas», de bom sabor, excepto determinado tipo sulfuroso, com cheiro a «garrafinhas de Carnaval». E logo veio o chiste, quando o Carlos Padrão disse que se alguém arrotasse, depois de beber daquela água, teria extrema dificuldade em explicar qual tinha sido o «canal» de saída utilizado. Já agora, digamos que o vinho («krdne» 1 litro, 21 «korunas») e os cigarros (cigarrets) 8 «korunas».

Nas lojas de artigos desportivos, a malta que ia afeita a trazer «mantimentos», não se entusiasmou nem com artigos, nem com preços. Curioso, esclareça-se que joelheiras não se fabricam. Só vêm da Polónia.

São baratos os livros, de qualquer natureza e de todo o mundo, conforme nos explicou a D. Viera, e há publicações diversificadas de toda a espécie, da responsabilidade única da editora estatal. O preço é em função do número de páginas, portanto, ao comprar, a pessoa sabe perfeitamente quanto terá de desembolsar.

Há grande falta de mão-de-obra e, portanto, vietnamitas e búlgaros, são recrutados. Aí está uma riquíssima oportunidade para muitos dos portugueses ditos progressistas que, depois do 25 de Abril, só reivindicam e andam ao alto, queixan-

do-se da falta de trabalho, irem até lá e aprenderem como é. Eles precisam de 200 mil trabalhadores e, afinal, é de ir ver para crer e não dizer, só cá de longe, que aquilo sim, enquanto matam o tempo inutilmente.

Vimos duas mulheres na rua, em pleno centro, aparentado trinta e tais, com uma realíssima bebedeira, embora sem exteriorizações. Aliás, a beber, toda aquela gente manda uma capacidade de se lhe tirar o chapéu. Mesmo no hotel, encontramos alguns em posição instável, mas mansos. Beber e fumar. Para desportistas...

As pessoas têm, anualmente, três semanas de férias, mas quando atingem 15 anos passam às quatro semanas, que é o máximo, exceptuando-se professores que pode ir até às cinco semanas. Pelo Natal, há um pequeno período de férias que pode ir até quatro dias. Ah, pelo Natal, também se trocam prendas. Não é vício, apenas, das sociedades de consumo.

Existem possibilidades de captação de seis canais televisivos, e há televisão das 8 horas às 23.45 horas, segundo vimos através dos jornais. Há televisão a cores, poucas conforme nos disseram e a preto e branco. Apanha-se Viena e Budapeste, para lá de Bratislava (2 canais), sendo aquelas estações (2 canais cada) sobretudo Viena, muito apreciadas.

As esposas dos atletas, «queixaram-se» às nossas, da falta de electrodomésticos para as ajudar na lide das casas. E, por isso, vê-se, com uma frequência enorme, os homens na rua a empurrarem carrinhos de bebé ou a passearem crianças. Elas ficam a tratar da vida, mas, em contrapartida, eles são «obrigados» a desanuviar a casa e a aturarem as crianças. Os homens torceram a cara. Essa de aparelhos de utilidade serem artigos de luxo ou superfluo, e como dizer que uma passadeira rolante, um automóvel, um computador, e tantos mais, também o são.

No sábado (sobota) à tarde, foi-nos proporcionado um excelente passeio turístico e cultural. Passamos pelos pontos principais da cidade. Entre eles a Universidade J. A. Komensky; a residência do Conselho Nacional Eslovaco; o Teatro Na-

cional; o Palácio da Justiça; o Castelo; casas onde tocaram grandes músicos; a antiga universidade, a primeira da Checoslováquia; um Museu, o único local visitado em pormenor, onde deparamos com obras de arte autênticas, encontrando aí os Gobelins de Bratislava, pinturas com centenas de anos (344) perfeitamente conservadas na sua maravilhosa perfeição artística.

Bratislava tem uma ponte moderna, de cerca de 500/600 metros, sobre a qual existe uma torre com 83 metros de altura e, lá emriba, um café-bar-restaurant, requintadíssimo, e frequentadíssimo, «fachissimo». A certa altura (e estivemos lá quando a noite já fechara) todas as luzes interiores apagam, sendo-nos dado apreciar toda a cidade lá em baixo, pois o estabelecimento é em redondo, envidraçado, panorâmico e oferece uma vista soberba, sobre Bratislava e o Danúbio.

São pouquíssimos os reclames luminosos e, segundo nos apercebemos, a iluminação nocturna cidadina não é profusa, talvez, até, em consequência da escassez do «neon» e da pouca vida fora de portas. Pelo menos no tempo frio.

Na parte alta da cidade, onde ainda havia neve, vimos um grande e monumento em pedra, denominado The Slavin, que relembra a libertação quando da guerra. No cimo, a figura de um soldado russo (libertador) a esmagar a cruz suástica. A frente, um cemitério, homenageando alguns milhares de soldados russos que pereceram na libertação, uns com nome, outros desconhecidos. Bratislava foi libertada, a 4 de Abril de 1945, do jugo alemão.

A caminho da zona alta da cidade, foi-nos apontado um largo bairro de casas térreas. É o bairro de moradias privadas, as únicas da cidade. Moradias, também com falta de cor, como é natural, mas dando um ar ocidental.

Há católicos, angélicos, protestantes e outras religiões. Não conseguimos que nos dissessem qual é o culto mais divulgado, embora nos elucidassem que os católicos são muitos, como as suas igrejas também. Tivemos ocasião de falar com um seminarista bastante novo, e soubemos que os candidatos a padres vêm, sobretudo da Eslováquia Central. Os cidadãos já não vão nisso.

Além de tudo isso, é de notar que os casamentos civis têm grande aceitação, havendo, junto do Museu que visitamos, uma grande sala para a consumação desses actos.

A moderna ponte, têm, por baixo, de cada lado, as vias destinadas aos peões, devidamente protegidas, por cima, pelas abas da ponte. Nas paredes, encontramos frases escritas. Não sabemos se de amor, palavrões ou inscrições doutra ordem. Não vimos senão aí, paredes rabiscadas.

Os táxis, em Bratislava, são também do estado. Não têm cor fixa, mas o nome, em cima, que os identifica. Disseram-nos que são baratos, mas, quando caçam um estrangeiro, metem a unha.

Como indústrias principais, Bratislava, conta com a de produtos químicos, têxteis, colas, nafta, e pequenas outras de produtos alimentares.

Da parte alta da cidade, depara-se com uma vista soberba da cidade e, lá em baixo, destaca-se a construção de um edifício moderno, de linhas aerodinâmicas. É para a Rádio Bratislava. Lá em cima, tem a televisão local o seu edifício, também de linhas atrevidas e muito alto. Mas, nessa área, o que nos impressionou a todos foi a neve ainda em profusão. Deu para a brincadeira, para fotografias e o treinador Pavel mostrou-se exímio em acertar na malta com bolas de neve.

Perguntamos se sabiam o que exportavam e importavam para e de Portugal. A resposta foi negativa, dizendo-nos que, apenas, tinham conhecimento concreto das nossas sardinhas enlatadas.

Quando visitamos o café, no cimo da torre sobre a ponte, deparamos com duas jovens estudantes. Uma delas disse, que tinha 16 anos. Bebia café, brandy e fumava. Sabia um pouco de francês. Era de Praga e tinha vindo passar ali o fim-de-semana, mais uma colega. De Praga a Bratislava, são cerca de 350 quilómetros. Meia-hora de avião. São 180 «korunas» uma ida ou uma volta. Mas, em fins-de-semana, há uma redução para 130 «korunas». De comboio, pouco rápidos, pois demoram cerca de 5 a 6 horas, viaja-se por 100 «korunas» em 1.ª classe e 68 em 2.ª, isto é uma ida ou uma volta. Há classes!

No Verão, a temperatura atinge, segundo nos explicaram, cerca de 30° de média, chegando frequentemente aos 37 ou 40°. No Inverno, em pleno Inverno, as temperaturas médias são negativas, anoitece às 4.30 horas da tarde e neve com frequência. As estações mais apreciadas são a Primavera e o Outono, pois a verdade e as flores dão outro cariz à cidade. Na Primavera, surgem, porém as chuvas com maior frequência.

O célebre Danúbio Azul, que também banha Bratislava, é como o Abril em Portugal. Um «slogán» publicitário, pois azul só em casos muito esporádicos.

Quanto à ocupação de tempos livres, as pessoas, jovens ou idosos, estão muito presas à televisão, embora o cinema, o desporto, a frequência de pontos de reunião, clubes para jovens, sejam procurados, gostando-se de dançar e de espectáculos culturais.

A escolaridade obrigatória é de nove anos, portanto dos 6 aos 15. Oferecendo a todos os alunos a instrução básica, para a continuidade de preparação para a vida. Depois de terminarem a escolaridade obrigatória, os alunos, podem ingressar nos liceus, escolas profissionais e escolas de aprendizagem.

No liceu, dura quatro anos e oferece aos alunos a instrução geral completa e dá-lhes certos princípios para determinadas profissões. As escolas profissionais, também duram quatro anos, oferecendo uma instrução profissional média incompleta. Depois as escolas de aprendizagem, que duram de dois a quatro anos, e dão a preparação qualificada e, também, o bacharelato. Por fim as escolas superiores, que dão qualificação muitíssimo especializada, com cursos de quatro a seis anos.

Portanto, em termos genéricos, são estes os aspectos do ensino eslovaco.

A Universidade local, segundo nos informaram, tem faculdades de medicina, filosofia, direito, ciências naturais, construção civil, engenharia, economia, farmácia e jornalismo.

Nos estudos, a língua russa é obrigatória, enquanto o francês ou o inglês são facultativos.

Mudando agora de sector, apaz-nos registar que a comida, que nos foi apresentada, foi sempre boa e, sobretudo a carne, mesmo muito boa. Apenas, uma vez só, nos deram arroz, mas bem confeccionado. Com um pouco de adaptação, não havia problemas.

O grande «ragafote» no hotel, foi a troca de distintivos com os nossos companheiros de ocasião, quer fossem búlgaros, russos, checos, polacos, húngaros e, sem dúvida, os portugueses ficaram a ganhar de longe, sendo o Carlos Padrão o desenrascado-mor, que arranjou uma completíssima colecção. Deu «show».

(Continua na página 8)

Retalhos de uma viagem

«DE» na Checoslováquia

(Continuação da 1.ª página)

Na noite de domingo (nedela) as primeiras despedidas dos nossos amigos eslovacos, com algumas das pessoas, de um e outro lado, com pena de terminarem aquele convívio bastante positivo e interessante. Houve festa até às tantas, com parte da malta portuguesa exuberante. Até cantaram e o Toninho, foi «vedeta».

Na manhã seguinte, Bratislava acordou com uma brancura bastante acentuada. Era um leve manto de neve. Aí viemos, depois de um imprevisto atraso, para Viena. Na fronteira, não houve problemas desta feita, a demora foi menor, e o Dr. Karol Yuari e Sukup Ian vieram dar-nos o último abraço. Eram cerca de 9 horas, quando abandonamos a Checoslováquia. Por uma fronteira estreita, onde, nos campos marginais, havia vedações de arame farpado, em extensões a perder de vista. Para evitar que deixassem ou entrassem no «paraíso»?

Assomamos à Áustria, alguns metros adiante, ninguém nos pediu passaporte ou criou dificuldades. Estávamos no contexto europeu onde nos integramos. Franz, através do Belinho, foi-nos dando conta disto e daquilo que, na estrada, de um e de outro lado, iam vendendo. Palmilhámos os 50 quilómetros e, à entrada de Viena, abismamo-nos ao mostrarem-nos o cemitério da cidade. Percorremos quilómetros e quilómetros a ver cemitério. Onde repousam 2.000 milhões, segundo explicou Franz. Nesse momento, viu-se um carro funerário e logo alguém disse: 2.000 milhões e 1! O português tem sempre a piada apontada.

Chegamos ao hotel, em pleno coração comercial de Viena, numa das transversais da famosa Marie Hilfer Strasse (Rua da Maria Auxiliadora), a Rua S.ta Catarina em 19x24. Já iam impressionados pela ordenação do trânsito, também todo comandado automaticamente, pelo asseio que deparávamos. Depois, estacionamos para deixarmos a bagagem no Hotel Bavaria, e o autocarro empancou a rua, de largo movimento, mas durante os largos minutos ninguém buzinou, aguentando civilizadamente aquele compasso de espera.

Depois, atiramo-nos às compras, aos «souvenirs», pois ali a sociedade de consumo já era mais à nossa maneira. Preços dentro ou ligeiramente mais caros que os nossos. E até mais baratos. Encontramos, ali, bananas estupendas a 15\$00 o quilo! E, aqui, agora só por um óculo.

Uma manhã de compras, almoço, e depois uma visita à bela Viena de Strauss, em autocarro com guia, calcoteando os lugares principais, os monumentos e obras de arte famosas, inumeráveis, deixando-nos entusiasmados com a belíssima cidade do Danúbio Azul, que continuou cinzento. Na realidade, tudo na capital austríaca é extremamente encantador e belo, e, como em Bratislava, também ali as pessoas são menos exuberantes do que os latinos. Entramos num café, mas não ouvimos o «bruí» característico. Também, nos lugares públicos não se fuma e pouco ou nada se atira para o chão.

Frio intenso e cortante em Viena. Estabelecimentos a abrirem cedo e a terminarem às 18 horas. Horários explicativos nas portas e preços em todos os artigos expostos. Movimento comercial extraordinário e diversificadíssimo, com apresentação totalmente diferente, da que viramos 60 quilómetros atrás.

Tivemos ocasião de apreciar televisão a cores na Áustria. Uma imagem formidável, a dar outra dimensão à televisão. Outra dimensão e outra vida. Entretanto, a partir das 18 horas,

fechado o comércio aquele movimento intenso, diminuiu consideravelmente. Nós, preparamo-nos para uma jantarada de despedida, nos arredores de Viena.

De notar que a Marie Hilfer Strasse não é a rua principal, mas o primeiro centro comercial, pois nas ruas principais o trânsito só se faz a pé. Em Viena, uma forte rede de transportes, desde autocarros a um comboio eléctrico, ao metropolitano.

A noite, com o termómetro a 0°, lá fomos aos arredores, até Grinzing, a uma casa típica (Weinbottich) para uma refeição típica, servida numa sala castiça e por uma «fraulein» com o traço tirolês, branca, roboluda e trajando regionalmente. Foi sobretudo uma festa de confraternização do voleibol e uma festa portuguesa e espinhense de parabéns ao Tomás que fazia anos e recebeu uma prenda para a recém-nascida filhinha.

Houve discursos, a começar pelo Padrão (para enaltecer, além do mais, o comportamento de toda a comitiva e a colaboração desinteressada do Belinho). Falou o Paulinha, «benjamim» da caravana; o «capitão» Rolando, Júlio, (que até puxou as lágrimas ao Cadete), Tomás (o Tomás, como os eslovacos lhe chamavam), Luís Resende, Fernando Correia, Carlos Ferreira (chefe da comitiva), Toninho, Xabregas, eu e, por fim, o Belinho.

Fez-se análises, críticas, teceram-se considerações, enalteceu-se aquela comunhão e, sobretudo, apelou-se para a necessidade da digressão ser o toque a reunir para o renascimento do voleibol sportinguista. A festa, sempre a decorrer em ambiente de alegria, acabou com o «parabéns a você» e o apagar duma vela pelo aniversariante Tomás.

Regresso ao hotel, caía a meia-noite, com a cidade de Viena «morta» e nós a termos de nos levantar pela madrugada, de molde a encetarmos a viagem de regresso via Zurique.

Chegados ao Aeroporto de Viena, tomado o pequeno almoço, havíamos de ter o primeiro atraso da viagem. A neve, em Gratz, atrasara o avião da «Austrian Airlines» e tivemos que ter «boleia» na «Swissair», num DC-8. Pela primeira vez ouvimos falar português, e passada uma hora chegamos a Zurique, após uma completíssima e boa refeição a bordo e uma paisagem alpina de sonho.

Atingido Zurique, deixamos o Aeroporto sem problemas, e fomos para cidade de autocarro. Impressionante, mas ainda mais, todo o movimento de trânsito, com autoestradas formidáveis, passagens superiores ou subterrâneas para peões, limpeza impecável, tudo muito bem cuidado e, quase à entrada da cidade, um pequeno bairro de lata, mas até esse sem o aspecto tradicional.

Demandamos a artéria principal, onde só transitam peões e o tal comboio eléctrico. Grande centro comercial, igualmente com preços e horários à vista do público, e estabelecimentos de excelente aparato e diversificação.

Preços proibitos, porquanto tinham de ser multiplicados por 11\$50! Apenas compramos maçãs bonitas, boas por 1,80 FS, uma peça de confeitaria (bolo) por 8,50 FS e tomamos um café por 1,50 FS. Faça-se as contas e veja-se a proibitividade para o nosso nível, embora para eles, suíços, aquilo seja excelente e em conta.

Impressionou-nos ver os jornais arrumadinhos numa caixa, onde um indivíduo deixa os francos suíços e retira o periódico. Também, cada qual, tira o seu bilhete para os transportes no tal comboio, metendo as moedas para sacar o bilhete, sem mais qualquer problema. Entretanto,

GRANDE CASINO DE ESPINHO

Inauguração da época no passado dia 25

MÚSICA DE BAILE

PELOS CONJUNTOS:

— TROP GROUP SHOW
— SURPRISE

VARIEDADES

— BALLET ESPANHOL de Carmen Rojas
— ROGER E ELAINE Bailarinas acrobatas (sexy)
— ROSITA AFONSO cançonetista portuguesa

RESTAURANTE

Jantares concerto — Esmerado Serviço no

SALAO RESTAURANTE ★ SLOT-MACHINES

CINE-TEATRO

SESSÕES TODOS OS DIAS

José do Couto Soares

— Zé Rola —

A família participa que manda celebrar no dia 9 de Março, às 19 horas, na Igreja Matriz de Espinho, a Missa do 30.º Dia.

os zuriquenses, também não são nada exuberantes na rua.

A atravessarmos uma passadeira, numa transversal onde não havia semáforos, o automóvel que vinha na via parou, para deixar avançar os peões. Se fosse cá...

Em Zurique, vimos gasolina a 0,92 FS (normal) e 0,96 (super). Lembrem-se que o FS vale 11\$50! Mais barata do que cá!

Formidável todo um centro comercial subterrâneo, debaixo das ruas de Zurique, onde há de tudo e estabelecimentos para refeições frugais.

Visita demasiada rápida, com alguns membros da caravana a perderem-se nas lojas e em caça a muitos artigos, sobretudo os relógios. Mas, de facto, Zurique, foi a cidade que mais gostei de ver. Por mais nada, mas pelo seu ar acolhedor, aconchegado, disciplina, asseio, ordenação, tudo isso impecável.

Reencontramos a TAP na viagem de regresso, no «Cabo Verde», um «Boeing» 727, já nosso conhecido, agora comandado pelo Comandante Brito, para voarmos à velocidade habitual e altitude tradicional. Tivemos de parar no «apeadeiro» de Geneve, depois de breve trecho de viagem, tornando toda a gente a deliciar-se com a paisagem, mas aproveitando alguns para descansarem, pois a malta já sentia no corpo todas as incidências de cinco dias a matar. Entretanto, o Gabriel Gil deixaria a caravana, para seguir até ao Brasil, via Roma, em serviço profissional. Abraços e o desgosto de deixarmos quem tanto nos ajudara. Obrigado, Belo! Excelente Amigo e camaradão!

E entusiasmados com a paisagem, de céu aberto e límpido para cima e para baixo, lendo, conversando, tomando a excelente refeição, aí vamos nós a caminho

de Lisboa, onde chegamos pelas 19 horas, sem termos dado por isso. Todos em «nervosite» pelo regresso.

Sem problemas na Alfândega, o Pedro Roriz de «A Bola» e a trabalhar para a Radiofusão Portuguesa, a entrevistar o Padrão, muitos a telefonarem para Espinho, ambiente português e tivemos que aguardar ligação para o Porto, às 20.50, dirigido pelo Comandante Cabrita, no «727» Super 8, para completarmos o último trecho duma estúpida viagem.

Depois, como já dissemos no último número, foi a emoção e o contentamento da chegada, a saudade que se mitigou, o regresso desejado a «casa» que, por muito má que seja, é a nossa casa. E quanto nós todos gostamos de Espinho...

Mas, ficamos com vontade de voltar.

Finda aqui o relato da viagem, pois não quisemos prolongar a descrição para lá deste número, porquanto julgamos que, jornalisticamente, não era aconselhável e não desejávamos aborrecer os nossos leitores. É evidente que, na impossibilidade de, no número anterior (por razões técnicas), dado que chegamos a Espinho já com o Jornal praticamente feito, irmos mais longe (e aí, sim, estávamos em cima do acontecimento) tivemos que condicionar, desta feita, o nosso trabalho, cortando o substancialmente e evitando determinar pormenorização. Esperamos, todavia, que de qualquer forma tenhamos sabido dar aos nossos leitores uma ideia global, embora sucinta, do que foi esta digressão, constituindo os dois números do Jornal documentos para arquivo e efemérides, mais tarde.

No próximo número, para dar por findo o nosso trabalho, publicaremos um artigo intitulado REFLEXÕES A CHEGADA.

CARLOS SARRIA

«Entre aspas»

—Nenhuma Polícia, por mais bem apetrechada, consegue uma rápida capacidade de resposta para as novas formas de delinquência. Há sempre um lapso de tempo em que o criminoso leva vantagem e em que aos investigadores fica a tarefa de um paciente estudo do fenómeno, analisando o «modus operandi», colhendo vestígios, pesquisando o móbil do crime, desenhando as áreas onde predomina. Claro que, às vezes, infelizmente, esse período de tempo é excessivo, o que tem muito a ver, não só com a habilidade e a maneira de agir do criminoso como com a preparação e os meios de que dispõe a Polícia.

Dr. Matos Fernandes, Director Geral da Polícia Judiciária, in «O Comércio do Porto».

★

«Além da profunda confiança na classe operária e no povo do nosso país, anima-nos e reforça-nos também na nossa luta a solidariedade de forças democráticas, progressistas e nacional-libertadoras. Anima-nos e reforça-nos a solidariedade fraternal dos partidos marxistas-leninistas, aos quais nos sentimos estreitamente unidos na nossa grande família internacional de comunistas, cuja acção na base do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário é essencial para alcançarmos a vitória comum.

«Anima-nos e reforça-nos o apoio, a confiança e a solidariedade do glorioso povo soviético, educado pelo Partido de Lenine nos elevados e imorredouros ideais do internacionalismo proletário, que este 25.º Congresso brilhantemente confirmou».

Alvaro Cunhal, parcela do discurso no 25.º Congresso dos Partidos Comunistas, em Moscovo, in «O Diário»

★

Vamos ter eleições. Vamos ter cartazes. Vamos ter pinta-paredes. Pinta-placas-de-estrada. Pinta-tudo. Como o País se prepara para receber turistas, seria aconselhável que os recebessemos com as casas, as paredes, as ruas, as estradas e os monumentos limpos.

As placas de sinalização das estradas encontram-se numa situação vergonhosa, desde as últimas eleições. Os autores destes verdadeiros actos de vandalismo nunca foram castigados.

Não se vê este abuso nos outros países.

Abílio Bastos Soares, morador na Adelsheim — Alemanha, na Secção dos Leitores, in «TEMPO».

★

—Há duas verdades de que todos temos de ter consciência: a primeira é que 48 anos de fascismo não se aguentavam se Portugal fosse, efectivamente, um país só de democratas; Há por aí muita boa mentalidade e hábito fascista, oportunisticamente disfarçada de democrata e de esquerdista. A segunda é que também há muita gente, imensa gente, que nada tem de fascista ou reaccionário — nunca será demais lembrar que o povo não é, não pode ser reaccionário — e que foi levado a perder a fé e a confiança no 25 de Abril e nos seus homens.

VASCO LOURENÇO, Comandante da Região Militar de Lisboa, na Escola Prática de Infantaria (Mafra).

★

«O socialismo da URSS é um socialismo em estado primitivo que se ressentiu do sistema quase feudal que derrubou mas do qual conserva ainda os estigmas.

«O socialismo nos países desenvolvidos do Ocidente não pode deixar de ser diferente, não obedecendo assim a qualquer esquema de propaganda ou tática de aceitação da democracia por parte dos partidos comunistas francês, italiano e espanhol».

Só pode haver socialismo no Ocidente assente na maioria e com plena disposição de renunciar ao poder se essa maioria deixar de assistir».

SANTIAGO CARRILLO, Secretário Geral do PC espanhol, in «Corriere Della Sera».

Reapareceu a Banda de Música de Espinho

Conforme o previsto, e anunciado, a Banda de Música de Espinho reapareceu em público na passada sexta-feira, com um programa aliciante, que entusiasmou o numeroso público que acorreu ao Salão de Festas do Casino local.

O programa valioso, e atraente, foi cumprido à risca, tanto na actuação da Banda, como na apresentação do Grupo Coral Académico de Espinho.

A frente da Banda, o consagrado maestro Silva Gonçalves um regressado, que, com o seu entusiasmo e o seu saber, conseguiu, em pouco tempo, fazer renascer das cinzas uma Banda que ele já tinha, em tempos atrás, guindado ao nível das melhores bandas civis do país.

A Direcção da Banda está de parabéns, não só por ter tido a coragem e perseverança de a fazer renascer, como, ainda, a de ter conseguido que o maestro Gonçalves voltasse a Espinho, depois de ter sido atraído (e de que maneira...) por quem tanto lhe deve... Mas, isso é assunto para, na devida oportunidade, se esclarecer e aclarar. A verdade e a justiça andam sempre de mãos dadas.

Pois bem, assinala-se o regresso e que, também, a Banda soube cumprir o prometido. A «Solverde» contribuiu para a escola de jovens músicos e para que a Banda voltasse a ocupar um lugar digno entre as instituições desta terra, com tradições na música. A promessa feita em Maio do ano passado, pela sua Direcção, de que tudo se processaria para um reaparecimento em bom nível, foi um facto.

A Banda «passou» pelo Casino e ficou, pois o seu nível musical entusiasmou de tal maneira que o Povo de Espinho vai querer a continuidade de actuações em público, quer ao ar livre, quer, ainda, nos salões da nossa terra, porque tem categoria para actuar aí.

A sua actuação, na «Abertura de Rossini — Tancredi» «Cenas Espanholas» e de «Cádiz a Tânger», de Miguel de Oliveira, na primeira parte; no Minuetto, de J. Haydn e na «Zarzuela de Gimenez, «La Boda de Luiz Alonso», na segunda parte, atingiram muito nível e virtuosidade de excelente categoria. Um aceno de simpatia, ainda, para a interpretação de «Vareira», do sempre saudoso Fausto Neves a que o Coral deu vida e fez vibrar os mais velhos ao recordar o autor e o ex-Orfeão de Espinho, que ele tanto sublimou.

Saúde-se o Grupo Coral Académico de Espinho, excelente amostra do que pode a nossa juventude, quando bem orientada.

Renda-se homenagem ao espinhense, de alma e coração, que é o Violinista Ramon Miravall e que todos o acompanhem e animem para levar por diante a sua intenção de dotar Espinho com um Orfeão, que constituirá uma verdadeira reposição do passado e será homenagem aos antepassados que tanto nome deram à nossa terra com a obra musical que produziram, propagando Espinho em tantas terras do país.

A Direcção da Banda de Música prestou já um bom serviço a Espinho. Oxalá, tenha coragem para continuar a que os espinhenses a ajudem a levar a bom termo to espinhosa missão.

A apresentação do programa esteve a cargo do consagrado locutor da rádio Amaro da Costa, que muito contribuiu para o bom nível e êxito do espectáculo, colaborando gentilmente com a Direcção da Banda.

Aguardemos que idênticos espectáculos se repitam pois são autênticas sessões de propaganda da música, esperamos que eles cheguem aos salões do nosso Liceu e Escola Técnica, porque serão, concertada, bem recebidos e apreciados.

Jorge Gomes

OBJECTIVO — I

Um talho. Tabela de preços que não se cumpre. Alguém que se sente lesado. E reage. Solicita a actuação da entidade competente. Há a respectiva intervenção. Levanta-se o auto. A especulação será punida. Guerra aos exploradores. Em defesa dos explorados. Todavia, a «cunha», entra em acção. O auto faz alto. A exploração fica impune. Os explorados continuarão a aguentar. Nesta história, qualquer semelhança com a realidade é pura coincidência.

Ao acaso

(Conclusão da página 12)

victa. Quantas pessoas ali deviam estar presentes? Se comparecesse apenas um delegado, de cada clube cremos que o anfiteatro encheria. Não são assim tão poucas as colectividades.

Só que, bem, só que as pessoas esquecem-se!

De presenças interessadas, apenas oito delegados de outros tantos clubes da Associação do Porto, um de Aveiro e um de Braga.

De Espinho, ninguém!

E do que ali se discutiu, interessava muito ao Sporting e Académica locais. Assim, não, meus senhores!

Assim não vamos a lado nenhum.

Há responsabilidades a que não podemos virar as costas.

Há tarefas importantes nas quais temos de participar. Depois, não adianta contestar. Não adianta discordar.

Quando as coisas estiverem feitas, não venhamos dizer que ninguém nos consultou.

Pois se na altura própria, quando devíamos estar presentes, viramos as costas! Alheamo-nos!

JOTA

INVESTIFE — Investimentos Industriais e Imobiliários, S.A.R.L.

Rua 15, N.º 225 — ESPINHO

CONVOCATÓRIA

Assembleia Geral Ordinária

Convocam-se os senhores accionistas desta sociedade a reunirem-se em Assembleia Geral Ordinária, na sede da mesma à Rua 15, n.º 225, na cidade de Espinho, no dia 31 de Março de 1976, pelas 15 horas, para a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

- 1 — Discutir, aprovar ou modificar o relatório, balanço e contas do conselho de administração e parecer do conselho fiscal relativos ao ano de 1975;
- 2 — Ratificar ou não a nomeação de um administrador em substituição de outro exonerado a seu pedido;
- 3 — Deliberar sobre outros assuntos de interesse para a sociedade.

Espinho, 1 de Março de 1976.

O Presidente da Assembleia Geral

José Soares de Amorim

J. Pinto Valente

MÉDICO

Com prática dos Hospitais de Paris, doenças das senhoras, clínica geral Avenida 8 n.º 238 — ESPINHO
Consultas a partir das 15 horas
Marcações pelo telefone, 920183.

Centro de Enfermagem de Espinho

Todos os serviços de enfermagem oxigénio, camas articuladas, etc.

Ambulâncias com oxigénio para transporte de doentes

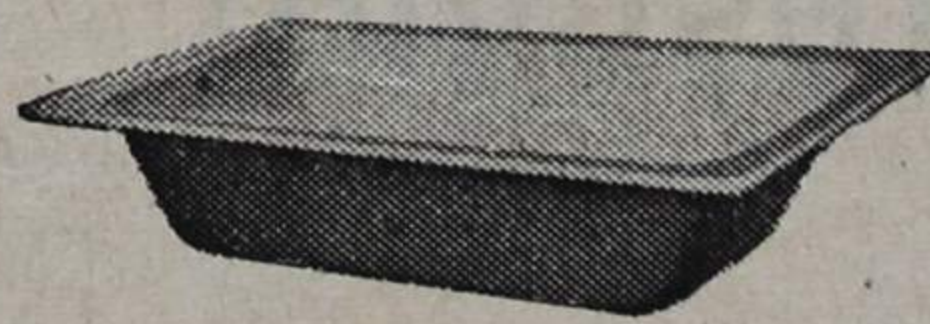
Horário das 9 às 12 e das 14 às 20 h.

Telef. 921587 (das 9 às 20 h.)

Telefone de urgência 922329

Rua 16 n.º 868 — ESPINHO

Metalúrgica Recor S.A.R.L.



TELEF.: 23155/6

FABRICANTE DE BANHEIRAS DE FERRO FUNDIDO E ESMALTADO MOBILIÁRIO METÁLICO PARA QUARTOS DE BANHO, MÁQUINAS DE FURAR E TORNOS DE BANCADA

ARRIFANA — FEIRA

D. Inês de Sá Couto da Cunha Sampaio Maia

1.º ANIVERSÁRIO

Sua filha e mais família mandam celebrar uma Missa no dia 12 do corrente, pelas 19 horas, pelo seu eterno descanso.

Agradecem a todas as pessoas que queiram assistir a este piedoso acto.

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO

EDITAL 24/75

Artur Pereira Bártolo, Vice-Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal do Concelho de Espinho:

Faço público que em 10 do corrente mês, a partir das 9 horas e 30 minutos, se procederá no Salão Nobre dos Paços do Concelho ao sorteio para a constituição da relação de jurados deste Concelho de Espinho, de acordo com o Decreto-Lei N.º 679/75, de 9 de Dezembro, com o número previsto no Despacho dos Ministérios da Administração Interna e da Justiça, publicado no Diário do Governo I Série n.º 19, de 23 do mês findo.

E para constar se afixou este e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares de estilo, publicado em o jornal «DEFESA DE ESPINHO».

Espinho e Paços do Concelho, 1 de Março de 1976.

O Vice-Presidente,
(Artur Pereira Bártolo)

DR.ª EMILIA PEDROSA SANTIAGO

Doenças de Senhoras

Largo da Graciosa, 41-1.º

Telef. 921891

ESPINHO

Consultas — Dias úteis das 16 às 19 horas

Brasil e Venezuela

Passaportes

Passagens de avião e navio

Agência de viagens OS CAPOTES

— Rua doze n.º 628 — ESPINHO —
Telef. 921941 e 921285

Fábrica
de
Artigos
de
Celuloide e
Plásticos

LUSO-CELULOIDE

de

HENRIQUES & IRMÃO, L.^{DA}

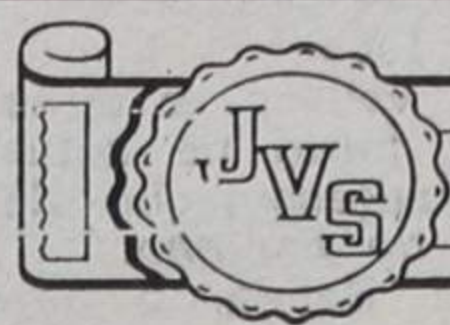
APARTADO 22

TELEFONE 922193

ESPINHO

OURIVESARIA CONFIANÇA

Uma casa antiga (1890) que com as suas instalações
BOM GOSTO E SIMPATIA
ACOMPANHA OS TEMPOS MODERNOS
OURO — JOALHARIA — PRATAS — RELÓGIOS
RUA 19 N.º 307 — ESPINHO



Decorações Líder

TAPETES — ALCATIFAS
CARPETES — PAPÉIS DE
PAREDE

DE JACINTO VALENTE DOS SANTOS
Rua 18, 991 • Telef. 920723
ESPINHO

Restaurante-Bar da Piscina

ALMOÇOS — JANTARES

SERVIÇOS A LISTA
Especialidade em frango à Lokinhas — Preços especiais para Banquetes
com todas as garantias
Dirigido por ARMINDO AZEVEDO
TELEFONE, 920153 — ESPINHO

LUSOTUFO

Tapetes • Carpetes • Alcatifas

Telefone, 72005

CORTEGAÇA

FIDES

(Fundos de Investimento para o desenvolvimento Económico Social)

Vimos lembrar a todos os possuidores destes Fundos de Investimento que, conforme tem vindo a ser divulgado pelos jornais diários, TV e Rádio, devem depositá-los em qualquer agência Bancária até ao dia 8 do próximo mês de Março

José Almeida — Dario Capela

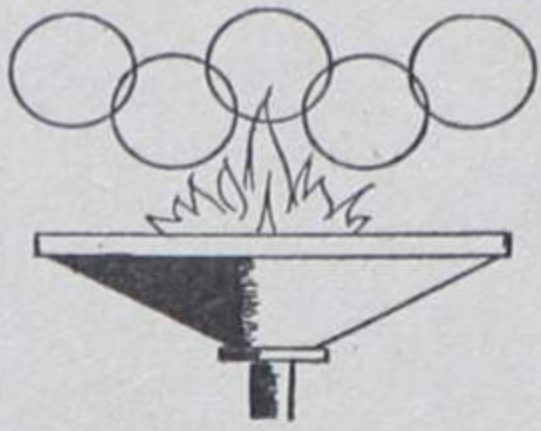
Agentes das Comp.ªs de Seguros IMPÉRIO, SAGRES E UNIVERSAL

CORFI

Duas Organizações
o mesmo Prestígio!

COTESI

DESporto



Intervalo

Voleibolisticamente, o Sporting de Espinho cumpriu! Na sua passagem pela «Taça dos Vencedores das Taças». No cômputo geral, com o senão de uma certa inibição exibicional e de rendimento, em Bratislava. Houve, aí, uma série de condicionantes. A maior, a falta de experiência. A imaturidade natural. Depois o temor do valor do Estrela Vermelha lá. E a responsabilidade.

Lá ouvimos de diversas bocas, que os eslovacos são profissionais. Não vale a pena andarmos com as meias verdades de amadorismos. Eles, de facto, têm estruturas e organização. Têm massificação. Possuem desporto a nível escolar. Mas, a certa altura, pensam em termos de alta competição. De elitização. Eles sabem a força do desporto como cartaz de propaganda. Até de propaganda política. Por isso jogam com ele. Isto é real!

Os júniores do seu voleibol treinam «apenas» duas horas por dias! Só! Recebem subsídios de «alimentação». Fazem estágios nas montanhas. Os seniores, treinam cinco horas por dia! Não fazem mais nada! Realizam mais de 80 encontros por época. Fazem digressões aos países socialistas. Competem em muitos torneios que, entre esses países, se realizam todos os anos. E, afirmaram-nos que apesar do seu alto nível, os russos não competem com eles, a não ser oficialmente por não ter interesse. Os russos segundo nos explicaram, tim-tim por tim-tim, ainda são mais profissionalizados. E encaram aquilo religiosamente.

De igual modo se passa com o «amadorismo» no futebol. Afir-mou-me um árbitro da 1.ª divisão. E disse-me dos privilégios dos futebolistas checos. Perguntei-lhe se os árbitros lá eram respeitados. Que sim, que são a autoridade máxima em campo e ninguém discute. Apenas nas divisões inferiores, há uns assomos. Acrescentou, a inexistência de invasões.

Vimos o Slovan de Bratislava, o primeiro do campeonato a jogar meia-parte contra o Liaz Jablonec (6.0). Futebol rápido, objectivo (olhos na baliza) atlético, viril, num terreno estragado pela neve. Assistência (25 mil pessoas) entusiástica, vibrante, intolerável para entradas menos macias. Ninguém protestou com o árbitro. Diríamos até, que nem vimos polícia. Compostura absoluta. Meio jogo é pouco para se tirar conclusões, mas, dadas as características do encontro, era natural uma reacção contra o árbitro, que não houve. Nem a discussão de qualquer apitadela.

Voltando ao voleibol, para se ver o «amadorismo» que tantos apregoam ou mistificam, com segundas intenções, acrescentaremos que o Estrela Vermelha jogou, sexta-feira, sábado, domingo e segunda-feira. Apenas!

Além disso os jogadores até têm horas marcadas de recolher. E no sábado à tarde, estiveram a descansar. Para amadores...

Claro que admiramos imenso o método, a disciplina, contudo, no desporto amador, tal como o entendemos, tem de ser doutro jeito.

Não interessa, mistificando a verdade, «fabricar» atletas fazer elites, formar campeões, através de uma profissionalização integral, camuflada ou não. Louvamos por exemplo, as estruturas, a orgânica, a forma de sociedade com tempos racionalizados para tudo, a permitirem condições de trabalho ideais, de molde a atingir-se certa bitola no desporto.

Agora, profissionalismo integral, em modalidades onde ele não existe, dá-nos a ideia de adulteração da essência desportiva.

O Sporting de Espinho, cumpriu. Claro que, mesmo dentro do seu amadorismo há facetas a corrigir sem dúvida. Claro que, da mesma forma, todos os praticantes amadores têm um código de responsabilidades a cumprir intransigentemente. E sacrifícios a fazer sem vacilar.

Esta jornada constituiu, segundo parece, uma preciosa e oportuna lição. Um magnífico incentivo. E a certeza de que, tiradas ilações, corrigidos aspectos, trabalhando mais com uma dose maior de esforço e sacrifício, de humildade, se pode atingir uma bitola de parâmetros excelentes. Capaz de dar a Espinho, de novo, a hegemonia do nosso voleibol. De lhe abrir outras oportunidades de confronto internacional, cujo contacto mesmo quando a derrota é previsível é excelente para a valorização desportiva e social, constituindo, para lá de incentivo, o prémio magnífico de todo um labor puramente amador.

Evidentemente é impossível pensar-se em competir com equipas profissionalizadas como a dos eslovacos. Claro que, ninguém se sentirá minimizado quando, os iluminados, os fanatizados apontam esses «puros» exemplos de «amadorismo»!

Todavia, dará para fazer desporto, com muito ou toda a dignidade, respeitando a essência desse mesmo desporto do amadorismo que o deve pautar e, talvez, quando tivermos outro esquema de sociedade, com estruturas e orgânica, a possibilitar toda uma preparação de base dentro do sector físico-desportivo, como a outorgar tempos livres de forma racional, seja possível arrancarmos brilharetes como os tais «amadores».

Não há milagres, nem super-homens. Apenas sistemas. E, também, mistificações. Isto tudo, não invalida que se enalteça.

Cada coisa porém, no seu lugar, não é?

CARLOS SARRIA

CADETE e RUI AZEVEDO NOS TREINOS DA SELECÇÃO

Os dois voleibolistas do SCE, que por sinal foram dos mais salientes em Bratislava, estão englobados no grupo dos 16 convocados para os trabalhos de preparação da «equipa das quinças» que irá a Telve, disputar o Torneio da Páscoa, de 4 a 15 de Abril.

Já participaram no primeiro treino, que decorreu em Espinho, sob a orientação do prof. Manuel Puga, treinador federativo.

VEDAÇÃO DO «AVENIDA» EM MARCHA

Já principiou a ser vedado o «Avenida», prevendo-se não só a punição federativa, como em defesa dos sagrados interesses do Clube, no futuro. Mais uma

«jaula» desportiva, atestado de selvajaria conquistado por uns tantos que, para verem desporto, têm de ser isolados, por causa dos seus acessos.

Portanto, a vedação do «Avenida» vai aparecer. Uma obra que devia ser paga pelos prevaricadores.

MOREIRA E GASPAR FUTEBOLISTAS INICIADOS NA SELECÇÃO

Tendo dado nas vistas, pelo seu valor, os dois jovens futebolistas da turma dos «tigres», acabam de ser indigitados para os trabalhos de selecção nacional, incluídos no núcleo nortenho, a fim de prestarem provas e tentarem conseguir um lugar de titularidade ou entre o plantel a escolher.

GINÁSIOS E MATERIAL DESPORTIVO AO SERVIÇO DOS JOVENS «JÁ»!

São já sabidas as dificuldades sócio-económicas que atravessam as agremiações culturais e desportivas, enquanto já nos estabelecimentos de ensino, por serem subsidiados pelo Estado, estão apetrechados do mais variado, e do melhor, material desportivo, ao nível de muitos países mundiais.

O que talvez não seja sabido é que o nosso país, em relação à sua superfície e densidade populacional, está equiparado, em quantidade de recintos cobertos, a quase todos os países ocidentais. No entanto, na passada sexta-feira, num colóquio desportivo, dirigido pelo seleccionador nacional de andebol de 7, da Roménia, foi dito a todos os presentes que, lá no seu país e nas outras repúblicas socialistas, os campeonatos nacionais são disputados ao ar livre, mas os nossos andebolistas, negar-se-iam a realizar competições nessa condição, por falta de recinto coberto.

Espinho, está equiparado às grandes cidades nacionais, porque possui nada menos que 2 pavilhões e outros tantos ginásios. Nessas cidades, esses recintos são abertos a toda a juventude, para a prática desportiva e facultados mesmo os que existem para se efectuar actividade ao ar livre. Na nossa Escola Industrial, passa-se simplesmente o contrário, mas, devo referir que a Comissão de Gestão do Liceu se tem mostrado muito aberta e acolhedora a todos aqueles que, porventura se lhe dirijem, para utilizar as instalações desportivas. Na Escola, apesar da deficiente educação físico-desportiva ministrada por alguns responsáveis, nega-se logo, na primeira tentativa, a oportunidade de ceder o material desportivo, com respeito ao atletismo: fashuqas, blocos de partida, pesos, etc. Está, pois, de parabéns, o Liceu Nacional de Espinho e os seus professores, que têm à disposição da nossa juventude o seu apetrechado ginásio, sem esquecer o seu exterior, onde deparamos com uma pista de atletismo, além de uma caixa de saltos.

Os responsáveis serão ouvidos e, daí, torna-se imperioso que, no determinar de novos pedidos, se cumpra a missão para que este Portugal está virado:

O Desporto, como elemento de democratização.

PAULO MALHEIRO

«PLACARD» DE RESULTADOS

FUTEBOL

Em «Juvenis» (1.ª divisão) para o «regional» aveirense (21.ª jornada): Lamas, 0—SCE, 0. O SCE é o 2.º a 2 pontos do guia.

Em «Iniciados», também para o «regional», (16.ª Jornada). SCE, 0—Anadia, 0; os «tigres» ocupam o 4.º posto a 4 pontos do comandante.

Iniciou-se o Torneio de Veteranos («as árvores morrem de pé»), tendo a turma do SCE empatado a zero com o Coimbra, no «Avenida».

Entretanto, em «Juniões» (2.ª divisão), na Série A (12.ª Jornada): SCE, 0—Cucujães, 1; os «tigres» são 5.ºs, a 4 pontos do guia, embora com mais um jogo.

VOLEIBOL

«Nacional» (seniores masculinos) 3.ª Div.

AAE, 3—GRUNDIG, 1

«Regional» (masculinos) Inicaiados

ESMORIZ, 0—SCE, 3

AT. DA MADALENA, 0—AAE, 3

MÁRIO MORAIS TREINARÁ O SPORTING DE ESPINHO

Até ao fim da época, para suprir a vaga deixada por Manuel de Oliveira, o Sporting de Espinho contratou o técnico Mário Morais, que, no início da actual campanha futebolística, chegou, a ser indigitado como treinador dos «tigres».

FUTEBOL «Taça de Portugal»

ALMADA, 3—SP. DE ESPINHO, 2

(intervalo: 1—0)

(Eliminação aos 87 m.!

Encontro no Campo do Pragal, em Almada, para a 4.ª eliminatória da Taça. Arbitrou Augusto Bailão, de Lisboa, e as equipas alinharam:

ALMADA — Eduardo; Malta, Peixoto (cap.), Simões, Gapo e Franklim; Zegre, Boiada e Diamantino; Páscoa, Simões e Mosca.

SP. DE ESPINHO — Abrantes; Ribeirinho, Washington, Gonçalves (cap.), e Raul; Helder Ernesto, Cila e Pinto Ribeiro; Eduardo, João Carlos e Malagueta.

Substituições: No Almada, Malta e Diamantino foram rendidos, respectivamente, por Godinho e Henrique; nos «tigres», Malagueta saiu por lesão, entrando Canelas e, depois para o lugar deste, Gomes.

Golos: Simões (38 e 83 minutos) e Mosca (87 minutos) pelos vencedores.

Gonçalves (60 minutos) e Cila 63 minutos).

Expulsões: Raul por agressão (respondendo a outra).

Os espinhenses chegaram a estar a vencer por 2-1, faltavam, apenas 7 minutos para o final do desafio.

Inicialmente, os almadenses comandaram a partida, todavia os «tigres» aguentaram o ímpeto, para depois imporem o equilíbrio e, até, passaram a impor-se, com nitidez, demonstrando boa condição futebolística.

Contudo a expulsão de Raul (66 minutos), respondendo a Páscoa (que merecia idêntico castigo) e as peripécias do 2.º golo almadense, onde houve (?) falta sobre Abrantes, pois o jogador do Almada (Simões) terá furtado a bola ao guarda dos «tigres», empurrando-o e levantando o pé além do que é permitido, para lhe tirar o esférico que aquele tentava por em jogo.

Cresceram os almadenses e perturbaram-se os espinhenses, acabando por claudicar, quando pareciam ter o encontro nas «mãos».

Gonçalves, Washington e Helder Ernesto, como Abrantes, os de labor mais profícuo, enquanto a arbitragem, com os deslizos do golo e da não expulsão do almadense, lesou, naturalmente, os «tigres».

HÓQUEI EM PATINS

Campeonatos «Regionais»

Em «Iniciados», a AAE foi vencer o Pacence por 4—0.

Vitórias em «infantis»: AAE (B), 5—Ovarenses, 0 (primeira vitória) e Pacence, 2—AAE (A), 12.

Em «infantis» a AAE (A) (com menos 1 jogo) soma 15 pontos (menos 1 do que o 1.º) e em «Iniciados» ocupa o 3.º posto «ex-aequo» com o F. C. do Porto a 6 pontos do guia; a turma B, de «infantis», é a última classificada do torneio.

HOQUEI EM CAMPO

Campeonatos Regionais

O jogo de seniores entre a AAE e o F. C. do Porto não finalizou, pois, com o resultado em 1-1, houve problemas e dissidências entre os jogadores espinhenses (4 expulsos e o árbitro).

Em «reservas»: AAE, 0—Leixões, 1

Em «juniores»: AAE, 1—Sport, 4

GOLFE

Miguel Ribeiro venceu o 5.º Torneio de Regularidade nos «greens» do Oporto Golf Club, e o espinhense Amadeu Andrade foi o 5.º classificado

ALFREDO AZEVEDO NA SELECÇÃO DO NORTE?

Parece que o hoquista espinhense irá fazer companhia ao seu irmão Manuel Zé, integrando-se nos trabalhos de selecção nortenha do hoquei em patins.

Pontos de vista de uma Caravana Espinhense no regresso do estrangeiro

★
ROMEU VITÓ (38 anos, comerciante) — Penso que teve imenso interesse, sob todos os aspectos, esta viagem para mais a um país desconhecido, onde, aliás se faz desporto doutra maneira e a sério. Recolheram-se lições preciosas em qualquer dos campos, quer desportivo, quer social, e tudo quanto nos sirva para valorização é valioso. No seu todo a digressão foi formidável realçando-se a camaradagem e a união entre a caravana, a constituir, na verdade, uma autêntica família. Soube-se representar muito bem Espinho e Portugal e eles lá foram impecáveis correspondendo à recepção que cá tiveram.

JOSÉ PEREIRA DE JESUS (34 anos, empregado bancário) — O que mais me impressionou foi, primeiro de tudo, o ambiente de camaradagem entre toda a comitiva. Aliás, isso é normal entre a malta do voleibol, pois nos tempos antigos isso era assim. No tocante aos povos dos países onde estivemos, embora limitados no tempo de estadia, acho que Viena e Zurique são tipicamente ocidentais, parecidos conosco em tudo. Em Bratislava, a vida é diferente, naturalmente há outra maneira de ser, mas reparei que é um povo adaptado às suas próprias características, embora me pareça que eles talvez gostassem mais de viver à nossa maneira. Enfim, foi maravilhoso tudo quanto tive ocasião de ver, impressionou-me, particularmente, Viena pela sua beleza e aspectos culturais, através de monumentos e edifícios.

FERNANDO CASTRO (20 anos, estudante) — Bom, desportivamente, já sabíamos o que nos esperava, dada a diferença de valores e, portanto, fizemos, ou tentamos, o nosso melhor dignificando o desporto português. A viagem foi encantadora, correu bem e venho impressionado com tudo quanto me foi dado ver, sobretudo e particularmente com Viena.

JOSÉ PAULA (19 anos, estudante) — Sem dúvida, fiquei impressionado com todo o modo de viver e de trabalhar dos eslovacos, como também me impressionou fortemente Viena, cidade de encanto, em evolução extraordinária de vida. Zurique, como centro comercial de grande envergadura, como parece ser, é uma grande cidade, muito bonita, mesmo bela e extraordinariamente asseada e disciplinada. No sector desportivo, era impossível talvez fazermos melhor, pois os eslovacos trabalham muito e, quiçá, seja isso que nos falta, para atenuar as grandes diferenças. É improvável podermos laborar na mesma base, mas temos de aproveitar o exemplo, pois se soubermos honrar o nosso desporto e Espinho, melhor o poderemos fazer depois.

ALBERTO SALVADOR (20 anos, estudante) — Acho que não há que dissociar parte social e parte desportiva, nesta digressão. O que me impressionou mais? Realmente, fiquei um bocado desolado com a maneira como encontrei a realidade desportiva eslovaca, embora esperasse mais ou menos isso. É que eles praticam desporto de uma maneira que não concebo, fabricando campeões, num semi-profissionalismo de nome que é, na verdade, um autêntico profissionalismo e eu não concebo isso. Acho que desporto é uma forma de criar espírito colectivo, de confraternização, de desenvolvimento físico, mas nunca condicionado e obrigado, porquanto da forma como eles o fazem choca-me e não o entendo. Noutra aspecto, e englobando as três cidades visitadas, julgo que as pessoas levam a mesma vida, umas mais

Contra o que desejei, não foi possível escutar as opiniões pessoais de todos os componentes da caravana, pois, inclusive, por razões de ordem técnica, parte da gravação que fizemos estragou-se. Aos meus companheiros de viagem aos que não consegui entrevistar e aos que viram as suas palavras não reproduzidas, peço, sinceramente, desculpa e compreensão com a certeza de que, para a próxima, serão os primeiros.

Vamos ler então as opiniões diversificadas, das pessoas que nos disseram da sua justiça.

limitadas, outras mais abertas, outras mais condicionadas, aqui ou ali maiores diferenças de classes, mas, em qualquer sítio, esperava encontrar mais ou menos, tudo isso. Em contrapartida, não esperava realmente, deparar com os costumes, a ideologia, ocidentais tão enraizados, como se verifica em Bratislava. A digressão foi em tudo positiva e não me interessa especialmente tirar conclusões, pois interessou-me, sim conhecer, comparar.

FERNANDO CORREIA (25 anos, empregado de escritório) — Quanto a mim, confirmei que estas saídas ao estrangeiro são, fundamentais, para ajudar a evolução do voleibol português, pois dão-nos outro traquejo e experiência, como constituem incentivo para novo trabalho mais intenso e, de certeza, num próximo confronto estaremos bem melhor, diminuindo a diferença em relação a equipas como a eslovaca. Julgo que a digressão foi extraordinária e cumprimos em todos os aspectos. Sinto-me pessoalmente feliz, vejo que estamos a arranjar uma verdadeira equipa e espero novos contactos.

Depoimentos recolhidos

por CARLOS SÁRIA

JÚLIO SILVA (29 anos, empregado bancário) — Foi extraordinário, desde o comportamento da nossa comitiva, verdadeiramente unida e se no campo desportivo não temos possibilidades ou pretensões de competir de igual para igual, aproveitamos para aprender, já que encaramos o desporto de forma bem diferente. Nós fazemos desporto pelo desporto, eles para a alta competição, portanto profissionalizados. Julgo que teremos equipa para futuro, se aproveitarmos a lição e trabalharmos um tanto mais por semana e, com as competições, poderemos atingir um nível para diminuirmos a distância. Foi um êxito conhecermos pessoas formidáveis e há uma coisa extraordinária: o desporto vence a política e todas as barreiras!

D. ASTRID VITÓ — Gostei muito, embora pense que foi pouco tempo. Encantei-me com a Suíça, onde passava de bom grado um mês, ou mesmo em Viena. Quanto a Bratislava, dois dias chegou, embora tenha gostado imenso das pessoas com quem convivi. Sob o aspecto desportivo, choca-me que eles sejam autênticos autómatos do desporto. Um dos jogadores, depois de saber como cá trabalhávamos no voleibol, achou maravilhoso que fosse complemento de outra actividade e nas horas vagas. Queixou-se de que já não podia com tanto voleibol. Parece-me, pois, que no ocidente a coisa é mais equilibrada.

D. HENRIQUETA VITÓ — Gostei imenso e encantou-me a forma como nos receberam. Da vida de lá e da cidade não saí entusiasmada. Das cidades ocidentais, sim, mesmo muito. É totalmente diferente. Quanto ao voleibol deles, é formidável, mas são profissionais e, portanto, a diferença está em que enquanto eles jogam por obrigação, cá é por amor à camisola e acho que estamos mais certos. Não posso deixar de dizer que fiquei chocada com a vedação de arame farpado na fronteira eslovaca!

(Continua na página 5)

AO ACASO

Aquilo dantes era uma tremenda injustiça! Legislava-se, choviam os decretos, e só sabíamos da sua existência quando, depois de fabricados e abençoados dentro do gabinete, saíam cá para fora. E então, já nada havia a fazer. De que valia refilar? Mas refilar sem que o vizinho do lado se apercebesse. É que nunca se sabia! Ah! mas tinha de acabar! Era necessário que acabasse! Podia lá ser, que meia dúzia de iluminados, sem dar cavaco a ninguém, se pusesse a decidir tudo cabendo à gente acatar e cumprir sem abrir a boca, sem pestanejar?

Podia lá ser, que meia dúzia de inteligentes, sem ouvir ninguém, sem consultar ninguém, sem pedir o parecer de ninguém, decidisse tudo pelos outros?

Não, não podia ser.

Aquilo não era democracia!

Era unilateralismo!

Era totalitarismo!

Era fascismo!

Era tudo!

Não era nada.

Tinha de acabar. Não podia ser.

Mas, veio o 25 de Abril e com ele a esperança. Acabou-se.

Acabou-se o reinado dos inteligentes, dos iluminados, dos tecnocratas da pena e do código.

Agora, não vão ser apenas alguns a tratar dos problemas de todos.

Vamos ser todos a tratar de todos.

Agora, nada se fará neste País sem que sejamos ouvidos. Não deixaremos, não consentiremos. Quando se fizerem as leis, queremos participar, queremos ser ouvidos, queremos discutir, queremos estar presentes.

Nada se fará nas nossas costas.

Parece-me que terá sido mais ou menos este o compromisso que, intimamente, cada um de nós assumiu, aqui há tempos atrás.

Só que, bem, só que as pessoas esquecem-se! Alheiam-e!

Quem esteja mais ou menos ligado às questões desportivas, mormente à problemática das arbitragens e disciplina desportiva, relacionados com a Federação Portuguesa de Patinagem, sabe o quão obsoleto e caduco está o Decreto-Lei 32.946, do ano da graça de 1942.

Pois este decreto-lei, é um dos tais a necessitar de urgente substituição, de tão inoperante que está. Algumas equipas de arbitragem já se têm recusado a apitar em recintos desportivos, tal a insegurança de que se revestem.

Pois bem, a Direcção-Geral dos Desportos, nomeou um grupo de trabalho, com o fim de elaborar um projecto que remodelasse aquele diploma. Esse grupo antes de entregar o trabalho àquele organismo, quis, e muito bem, ouvir todas as associações e clubes, para, democraticamente, analisarem, discutirem, criticarem, sugerirem, numa participação saudável e construtiva, dando assim, contributo válido na criação de um decreto-lei que irá doravante pautar o comportamento das colectividades amadoras e sua responsabilidade. Para o efeito, convocou a Federação todos os clubes de nove associações do norte do país, para um plenário na Casa do Desporto, na cidade In-

(Conclui na pág. 5)



Na base do significativo monumento The Slavin, (homenagem ao soldado russo que afastou o invasor alemão durante a guerra de 1939-45) a caravana espinhense, integrada da D. Viera Jajlenková e Sukup Jan (dois eslovacos duma amabilidade e simpatia extraordinárias), pôs a para ficar com a recordação duma viagem inedita, inesquecível e feliz, e que foi um êxito, pois os espinhenses souberam bem representar a sua terra e o seu país, lá longe, na Checoslováquia

Comissão do Turismo

ESPINHO

SEMANÁRIO
AVENÇADO